



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**CONTANDO HISTÓRIAS ENCANTANDO CRIANÇAS:**

**UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

**MAYARA DE OLIVEIRA LEAL ALVES**

**Brasília, abril de 2013.**



ALVES, Mayara de Oliveira Leal. Contando histórias e encantando crianças: Uma experiência vivenciada no estágio supervisionado do curso de Pedagogia - Mayara de Oliveira Leal Alves – Brasília, 2013. (77 páginas)

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia -  
FE/UnB

Orientador: Prof MsC Antônio Favero Sobrinho

Palavras-chave: Educação Infantil, Literatura, Literatura Infantil  
Alfabetização, Letramento.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**CONTANDO HISTÓRIAS ENCANTANDO CRIANÇAS:  
EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**MAYARA DE OLIVEIRA LEAL ALVES**

**Brasília, abril de 2013.**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MAYARA DE OLIVEIRA LEAL ALVES**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial à obtenção de grau de licenciado em Pedagogia, submetido à comissão examinadora da Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação do Professor MsC Antônio Favero Sobrinho.

**BRASÍLIA – DF, abril de 2013.**

"É no problema da educação que assenta o grande segredo  
do aperfeiçoamento da humanidade."

(Immanuel Kant)

"A educação do homem começa no momento do seu  
nascimento; antes de falar, antes de entender, já se instrui."

(Jean Jacques Rousseau)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha avó Clara Maria Soares (*in memoriam*) que me ensinou a importância de se ter e manter a família unida sempre.

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente gostaria de agradecer a Deus por estar ao meu lado nessa trajetória até aqui.

Aos meus pais, por tudo que me deram tanto em forma de condições como exemplos, para que hoje eu seja a pessoa que sou.

A toda minha família, cada um deles, avós (que já se foram), tios, tias, primas e primos que sempre me apoiaram e torceram por mim.

Aos amigos da universidade que acompanharam minha jornada de perto, sempre dando o suporte e o carinho necessário nas maiores dificuldades. Entre eles destaco os que para mim estarão para sempre no coração, que são: Raquel, Laís, Karin, Alice, Renatas, Jeff, as Tias Lus, Matheus e Tatiana.

Aos amigos, irmãos e irmãs do coração que encontrei nessa vida, que são meus verdadeiros portos seguros, são os meus anjos da guarda: Guilherme, Rafael, Marcela, Lígia, Débora, Renata, Deusilene, Jordanna, Giulia, Caio, Beatriz, Diego, Pedro, Jessyca e Valéria.

Aos meus professores queridos ou não, que passaram pela minha vida acadêmica toda, tanto nos colégios quanto na universidade. Entre todos destaco alguns da universidade: Inês Maria, Luciana, Alexandra, Penélope, Tadeu, Favero e a Norma Lúcia. Esta última, que me ajudou muito no final desta minha caminhada. É com base em todos vocês que comecei a formar a minha identidade profissional, e com isso, quero muito um dia ser como vocês, fazendo a diferença na vida de muitos alunos na educação.



## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**MAYARA DE OLIVEIRA LEAL ALVES**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial à obtenção de grau de licenciado em Pedagogia, submetido à comissão examinadora da Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação do Professor MsC. Antônio Favero Sobrinho.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. MsC. Antônio Favero Sobrinho (Orientador)  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

---

Profa. Dra. Sílmara Carina Dornelas Munhoz (examinadora)  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

---

Profa. MsC. Sandra Regina Costa Santana (examinadora)  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

## **SUMÁRIO**

<b>EPÍGRAFE</b>	<b>VI</b>
<b>DEDICATÓRIA</b>	<b>VII</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>VIII</b>
<b>RESUMO</b>	<b>XII</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>MEMORIAL EDUCATIVO</b>	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>27</b>
1.1 – Importância da leitura e dos livros	27
1.2 – A Literatura Infantil e seus primeiros passos	30
1.3 – A Literatura Infantil no Brasil	31
1.4 – Maria Montessori: Uma mulher a frente do seu tempo	33
1.5 – A Pedagogia Montessoriana	35
<b>CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE PESQUISA</b>	<b>38</b>
2.1 – Contexto da Pesquisa	39
2.2 – Sujeitos participantes	40
2.3 – Instrumentos de construção de dados	40
2.4 – Procedimentos de coleta e análise de dados	40
<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>42</b>
3.1 – Análises dos resultados das atividades elaboradas na fase 1 do Projeto 4	42

<b>3.2 – Revisitando a prática pedagógica da professora regente</b>	<b>51</b>
<b>3.3 – O livro de literatura na escola: uma “viagem” entre a sala de aula e a família</b>	<b>54</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>56</b>
<b>PERSPECTIVAS FUTURAS</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>59</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>60</b>

## RESUMO

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo de pesquisa, cujo título é *Contando histórias e encantando crianças: uma experiência vivenciada no estágio supervisionado do curso de Pedagogia*. Definimos como objetivo geral revisitar o Projeto 4 – Fase 1 - Estágio Supervisionado desenvolvido com uma turma do 1º ano do ensino fundamental em uma instituição de ensino da rede particular, localizada no Guará – DF. Os objetivos específicos escolhidos foram: analisar o Projeto de Leitura desenvolvido com textos literários infantis e diversos recursos didáticos e analisar a prática pedagógica da professora em uma turma de 1º ano fundamentada na Pedagogia Montessoriana. Para realizar essa pesquisa optamos pela abordagem qualitativa e a utilização dos instrumentos de registros: análise do relatório final do Estágio Supervisionado e dos registros da prática da professora regente para analisar os resultados deste trabalho. Na análise, constatei os seguintes resultados a) que a leitura por meio de textos da literatura infantil pode tornar a prática pedagógica mais atrativa para os alunos pequenos e para a professora; b) é importante criar a prática de ler com os alunos para que essa leitura se torne prazerosa; c) para o aluno fruir sobre o texto e ter um agradável momento de diversão. Este estudo trouxe-me momentos em que pude reviver a prática, bem como relacionar teoria e prática, analisar de forma mais madura o que fiz na prática, e refletir sobre como os textos de literatura podem influenciar na escrita, na aprendizagem, na criatividade e na imaginação de um aluno pequeno.

Palavras-chave: Leitura; Literatura Infantil; Pedagogia Montessoriana.

## APRESENTAÇÃO

O presente texto refere-se ao Trabalho de Conclusão do Curso de natureza obrigatória no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Este trabalho foi composto por três partes, sendo elas: o memorial educativo, o estudo de pesquisa e as minhas perspectivas futuras como pedagoga.

No memorial educativo, transcrevo minha trajetória escolar vivida em determinadas escolas do Distrito Federal e de Minas Gerais. Nele, destaquei alguns problemas que tive em diferentes escolas, por diferentes motivos, felicidades e algo mais. Descrevo também, minha trajetória na Universidade de Brasília.

O estudo da pesquisa, cujo título é *Contando histórias e Encantando crianças: uma experiência vivenciada no estágio supervisionado do curso de Pedagogia*, foi desenvolvido com uma turma do 1º ano do ensino fundamental de uma instituição particular do Guará, na qual atuei como observadora participante durante um semestre. Para fundamentar a nossa análise, fizemos referência aos estudiosos que vem se dedicando à área de literatura infantil, como por exemplo, Coelho (2000), Zilberman (2005), Cadermatori (2006), Garcez (2008) e com relação à Maria Montessori, o autor Silva (1955). Como opção teórico-metodológica, optamos por uma pesquisa qualitativa, utilizando como instrumentos: os relatórios finais da primeira fase do Projeto 4 – Estágio Supervisionado.

E por fim, traço as minhas perspectivas profissionais, nessa parte deponho minhas ansiedades e desejos quanto ao trabalho pedagógico que pretendo desenvolver com futuros alunos seguindo os caminhos da educação.

## MEMORIAL EDUCATIVO

Eu sou a filha mais velha do meu pai (de quatro filhos) e a única da minha mãe. Diferentemente dos outros filhos de casais separados, moro com a minha mãe e não tenho muito contato com meus irmãos e a esposa do meu pai. Minha mãe se chama Zélia Soares de Oliveira, meu pai Paulo Sérgio Leal Alves e meu nome é Mayara de Oliveira Leal Alves.

Meus avós paternos são de Anápolis, mas se mudaram para Taguatinga no DF há muito tempo. Meus avós maternos são de Minas, moraram no interior em Conceição do Mato Dentro muitos anos quando meu avô faleceu, a maior parte dos meus tios já tinham se mudado para Belo Horizonte, capital mineira. Minha avó materna sempre foi muito presente em minha vida, pois íamos visitá-la com grande frequência (eu e a minha mãe).

Minha mãe teve treze irmãos, sendo que dois já faleceram e meu pai teve dois irmãos, pois ele já perdeu um de seus irmãos. Meus pais são professores, minha mãe já está aposentada e meu pai continua na ativa. Eles se conheceram quando davam aula em uma escola há mais de 27 anos atrás em Ceilândia (que é a minha atual idade).

Há algum tempo descobri que meu nome seria Carmem Dolores, mas graças a Deus um dos meus tios, o tio Ivan, mais velho que minha mãe quatro anos, ficou uma fera e disse que esse nome era de velha, então uma prima dela fez uma lista e minha mãe escolheu Mayara.

Comecei minha vida escolar em uma creche em Taguatinga Sul, onde fiquei apenas um mês. Tive de sair porque quase morri por maus tratos. Eu não era alimentada e nem me trocavam direito. Fiquei seriamente desidratada com seis meses. Depois só fiquei com babas (foram três). Com três anos, ingressei em uma nova creche. Passado um ano, ingressei no Centro de Ensino 03 para fazer o Jardim I e II na educação infantil, sendo aluna da “Tia” Laene Ávila, amava estar ali.

Com quase seis anos, mudamos para Belo Horizonte e fiz o Pré-primário no Colégio Batista Mineiro que fica no bairro Floresta em Belo Horizonte. Fui aluna da Professora Rosângela que me ajudou muito a não reprovar, pois eu não era alfabetizada. Aqui, em Brasília a alfabetização começava no pré e lá era no Jardim II. Sendo assim, os outros alunos estavam um ano na minha frente.

Continuei lá até o meio da terceira série, o que foi uma ótima época da minha infância. Depois fui para a escola Metodista, mas eu não me acostumava com escola, pois sofria discriminação social. Todos, principalmente, as meninas me isolavam, pois todos eram muito ricos e meus pais eram e são até hoje professores. Na época para piorar eu não sabia o nome do meu pai, e isso para eles era uma coisa muito estranha. E por isso elas nem falavam comigo nem se falavam quando eu estava presente. Quando eu passava pelos corredores carregava comigo o silêncio e olhares de análise e quem sabe até de nojo. Ao tentar sentar nas carteiras dos grupos, sempre estavam todas ocupadas ou reservadas. Alguns meninos tinham pena de mim e de como eu era tratada e até chegaram a me chamar para sentar com eles, para mim aquilo seria a derrota total, até porque não era a opinião de todos no grupo. Com certo tempo de muitas lágrimas e muitas aulas com as coisas ocorrendo da forma que estava, contei para a Professora Fátima e ela foi chamar a atenção principalmente, das meninas.

Após sofrer mais por ter falado com a professora e ela ter chamado a atenção das colegas de classe, eu nunca mais contei o meu sofrimento para ninguém... Passei por isso mais de um ano e meio, chorava em todas as aulas, um choro calado e discreto, sempre isolada e sozinha. Na quinta série, as coisas melhoraram um pouco, mudei de turma e fui para a turma da manhã, mas as “coisas” não eram excelentes. Eu passei a andar com uma grande amiga (Aline) que todos achavam que era homossexual, sendo assim que tínhamos algo, pois éramos as esquisitas. Então, nós duas montamos uma equipe de handball feminino do colégio. Era a única coisa que eu amava naquela escola, porém com garotas de todas as séries e as meninas da nossa sala não se inscreveram. A outra coisa que eu amava era minha amizade com a Aline e Robert (um americano que era amigo dela e passou a ser meu também). O Robert só não sofria o mesmo preconceito, pois ele era americano

e a turma não fazia muitas investidas contra ele mesmo ele andado com a gente, pois também tinha muito dinheiro.

Com tudo isso, convenci minha mãe a me mudar de escola na sexta série com a desculpa de ficar muito mais perto de casa e por quase todos meus amigos que moravam no mesmo prédio que eu estudarem lá. Não aguentava mais ser rotulada de coisas que eu não era, homossexual, estranha, esquisita e cavala nos esportes, mas essa última talvez fosse um pouco verdade, talvez tenha sido a forma que eu achava de descontar inconscientemente o que quase todas as meninas me faziam sofrer naquela escola.

Fui estudar em um colégio católico, Colégio Imaculada Conceição, onde cresci muito, tanto física quanto psicologicamente. Desenvolvi e permaneci até a conclusão do Ensino Médio. Acompanhei muitas reformas tanto físicas quanto no quadro de funcionários da escola, estive lá durante boa parte do processo de formação da estrutura física que a escola possui hoje. Por ter estudado lá durante seis anos criei vínculos com muitos professores, funcionários, e claro com muitos alunos de várias idades também. A maior parte da minha turma de formandos do Ensino Médio estudou comigo desde a sétima série, no mínimo. Muitos dos meus atuais amigos ainda são dessa época de escola.

Desde o início da minha vida estive muito habituada a passar grande parte do meu tempo na escola. Eu tinha atividades a tarde como laboratórios, vôlei, organização de trabalhos, monitorias, jogos de RPG escondidos que no Ensino Médio viraram trucos intermináveis e as coordenadoras tomando posse de muitos baralhos, etc. Com isso, acabei criando um vínculo muito forte com aquela escola. Às vezes eu me escondia na escola só para ficar mais lá e não ter que voltar para casa. Ali era de fato o meu segundo lar, às vezes até o meu primeiro. Por se tratar de uma escola relativamente pequena a relação professor-aluno sempre foi muito valorizada. Eles não se limitavam apenas aos conteúdos dos livros, mas também havia uma troca muito valiosa de ensinamentos de vida. Eram muito mais que apenas professores, eram quase pais e grandes amigos. De fato isso contribuiu muito para a formação da pessoa que sou hoje, pois foi lá que ganhei amigos, os quais pude confiar para me abrir até sobre grandes problemas.



A vida toda sabia que queria trabalhar com crianças, não tinha certeza do que realmente faria, mas desejava que fosse com crianças. Ser apresentadora de programa infantil (o que não ocorreu), Pediatra (teria que ser médica antes de fazer a especialização em Obstetrícia e Pediatria) ou psicóloga da área infantil. Da oitava série para frente, com 14 anos, decidi que faria Psicologia.

### **Como foi o Ensino Médio**

Bom, fiz o ensino médio na mesma instituição já descrita, isso estreitou mais ainda os laços com professores e funcionários. Mas mesmo com toda essa proximidade a questão da passagem do ensino fundamental para o ensino médio não deixou de ser assustadora. A ideia de que teria mais aulas e mais responsabilidades mexeu muito comigo. Mas quando a passagem aconteceu de fato não foi uma experiência tão traumática como a esperada.

Realmente a espessura dos livros e o aumento da grade horária eram coisas que assustavam. Mas quando o ano letivo começou percebi que as coisas não haviam mudado tanto assim, pois já conhecia os professores e boa parte dos alunos permaneceu a mesma. Foi no ensino médio que minhas amizades se fortaleceram e duram até hoje.

Com a chegada do fim do segundo ano e início do terceiro ano do ensino médio, passei por duas experiências muito fortes que me provaram que por mais que eu gostasse de ajudar as pessoas e dar conselhos não tinha dom para clinicar. Um pouco confusa, comecei a conhecer a área de Fisioterapia, pois seria uma forma de ajudar as pessoas com problemas, mas não com a parte psicológica diretamente e sim com a dor física, aliviando e também curando.

Fiz um teste vocacional no Colégio Imaculada Conceição que não me deu uma resposta, mas sim algumas afinidades e direções a serem pesquisadas. O resultado foi total compatibilidade com a área de humanas, o que eu já sabia, mostrando-me a Música, Psicologia, Biologia, Pediatria, Comunicação, Fisioterapia,

Pedagogia (curso este que nem levei em consideração). Decidida fazer Fisioterapia, minha mãe apesar de aprovar feliz descobriu um curso de Orientação Vocacional, ofertado pela área de Psicologia da UFMG, e insistiu para que eu o fizesse. Um pouco relutante, aceitei a ideia de participar deste curso, pois ela me convencera de que se eu estava tão decidida só obteria minha confirmação frequentando-o. De dez vagas apenas uma foi preenchida, a minha, e até foi bom, pois virou uma consulta mais personalizada e focada nos meus interesses. A ideia desse curso de Orientação Vocacional era de um grupo de dez jovens procurando por uma certeza discutiriam em grupo suas dúvidas, certezas, interesses em várias áreas diferentes e tudo isso observado por uma psicóloga durante dez encontros sendo um por semana. Como mais ninguém se inscreveu, fiz o curso sozinha.

Começamos, eu e a psicóloga, pela Fisioterapia, eu marquei e fui a uma clínica de Fisioterapia próxima a meu apartamento em Belo Horizonte. Na clínica com a autorização dos pacientes, acompanhei algumas consultas e gostei muito, mas descobri que era muito mais ligado à Medicina, um curso que eu sabia que não queria tanto quanto Matemática. Conversamos sobre o teste vocacional, a psicóloga indagou-me o porquê de não ser Pedagoga ou mesmo professora? Refletindo sobre este fato, percebi com a ajuda dela que o motivo pelo qual eu não cogitava a ideia de cursar Pedagogia era por preconceito e repulsa de muito da minha mãe, sempre tive muitos problemas com minha mãe e não queria ser como ela. Fazer o mesmo curso era ser um pouco parecida com ela, e meu pai por ser o curso deles direta e indiretamente (meu pai é formado na UnB em Física e Matemática).

Conheci a área e me encantei, era isso. Vim a Brasília para a última prova do PAS, quando contei para o meu pai em um almoço numa Pizzaria aqui no Guará ele se engasgou e disse “Pedagogia não! Quer ser professora? Escolhe uma área específica pelo menos: Matemática? Física? Química? Biologia? Ta bom! Geografia, História ou Língua Portuguesa... Mas Pedagogia não, minha filha!”. Eu contei a ele que minha mãe tinha dito que não ia falar nada, pois fora a Pedagogia que havia nos dado tudo que tínhamos e ainda temos. Pensando no quanto minha mãe gostava da ideia de Fisioterapia e meu pai era literalmente contra a Pedagogia fiz dois vestibulares para Fisioterapia em particulares (uma em Belo Horizonte, outra em Brasília), Fisioterapia na UFMG e como não havia este curso na UnB, marquei

Letras Inglês, pois fazia inglês há aproximadamente seis anos e gostava muito, daria aula de inglês para crianças em escolas particulares que era a única forma que eu poderia lidar e trabalhar com crianças.

### **O PAS e o Vestibular**

Graças a esse processo de avaliação seriada foi que pude ingressar na minha vida de estudante de Letras Inglês na UnB. Em princípio minha opção no PAS era Psicologia. Sempre tive um interesse nessa área, hoje ainda ela tem grande influência sobre mim. Mas desisti de fazer esse curso. Meu maior medo era perder o ano e consequentemente perder o PAS e não voltar a morar em Brasília.

Passei na Universidade de Brasília e na UNIP de Brasília, eu e minha mãe mudamos para o Guará. Entrei apenas para a UnB. Até o terceiro semestre eu amava o curso. No terceiro semestre de curso trabalhei em duas escolas, aulas de inglês para todos os seus alunos, fui professora substituta em uma terceira escola. Vi que realmente era aquilo que eu queria, mas não da forma que estava fazendo. Eu queria passar mais tempo com os alunos, conhecê-los melhor e ensinar bem mais que apenas meia hora.

Como eu já estava na Letras Inglês, pensei em terminar um e começar o outro depois, tentei continuar, mas ao chegar ao sexto semestre explodi. Não podia continuar a fazer um curso que não era o que eu queria, portanto com ajuda clínica tranquei a UnB. Meu pai me ajudou pagando cursinho e apoiando a troca do curso. Fiz cursinho no ALUB por dois meses. Descansei e estudei muito também. Passei de novo na UnB e na Católica no curso de Pedagogia no noturno (para surpresa de minha mãe que além de ser contra dizia ter certeza que não daria conta e por ela não teria trancado o curso de Inglês), mas dessa vez fiz apenas escutando a voz do meu coração e da minha vocação. Passei no vestibular de primeira. Foi assim que cheguei à Pedagogia.

## **De volta a UnB**

No dia 12 de março de 2007, começaram as aulas no curso de Pedagogia. Eu, assim como a maioria dos calouros estava muito ansiosa. No primeiro dia de aula já esperava algum trote, mas algo bem tradicional da UnB como tinta, farinha, ovos e coisas do gênero com muito medo. Mas me surpreendi com os veteranos, nos trataram muito bem, fizeram também atividades informativas e pedagógicas além de um trote solidário. Foi uma ótima recepção, muito melhor do que eu podia esperar.

Nossas aulas só tiveram início mesmo uma semana depois do previsto no calendário, devido à semana de recepção. O primeiro contato com as disciplinas e com os professores foi muito bom, pois eram disciplinas que me interessavam bastante, cada uma com sua especificidade e os professores se apresentaram bem dispostos, fator que me surpreendeu pela diferença do curso de Letras Inglês.

As disciplinas, além das que me foram oferecidas, matriculei-me em Tópicos Especiais em Educação e Diversidade Cultural mais uma do departamento TEF da Pedagogia. Confesso que essa era a matéria que mais me interessava, pois era voltada para a música, a diversidade de culturas vista através de suas músicas. Gostei também das outras disciplinas, como por exemplo, Antropologia por tratar dos conceitos de cultura, conceitos dos valores do que é certo e errado, entre outros. Já Oficina Vivencial ficou estrategicamente no meio da semana, uma ótima aula para interagir com os colegas, relaxar e descontraír. Investigação Filosófica foi a menos empolgante, mas as aulas sobre os filósofos mais revolucionários como Nietzsche me interessaram bastante.

Eu amo o curso de Pedagogia. Têm suas falhas como qualquer outro curso, entretanto, o importante é que sempre está discutindo o currículo e melhorando-o. Em princípio, pensei em fazer uma pós-graduação em educação infantil, pois pretendo trabalhar com o que eu amo que são as crianças. Uma vantagem da UnB, aqui quem faz o currículo é o próprio aluno dentro da diversidade de disciplinas oferecidas.

Bom, tive mais disciplinas interessantes como o Educando com Necessidades Educacionais Especiais que me interessou bastante e Orientação Vocacional.

No segundo semestre, passei por grandes dificuldades, por isso só conclui essas duas disciplinas. Um amigo que era meu veterano na Letras faleceu e isso me abalou muito psicologicamente. Na época estava trabalhando a tarde como secretária no Posto de gasolina da 310 Norte, tendo minha mãe, como minha chefe o que não deu muito certo, principalmente, após a perda deste meu amigo.

Mal tendo passado por isso, antes do início do terceiro semestre exatamente dia 31 de Janeiro de 2008, vi minha avó (mãe da minha mãe) ser levada para o hospital tendo um lado todo paralisado por conta de uma quarta isquemia. Muito abalada nesse semestre, apesar de estar matriculada em mais disciplinas apenas conclui Ensino e Aprendizagem em Língua Materna. Em julho de 2008, minha avó faleceu.

Ao voltar para o quarto semestre, ao fim de 2008 conclui mais duas disciplinas. Filosofia da Educação e Educação e Trabalho.

No quinto semestre, um pouco melhor psicologicamente depois de algumas reviravoltas, voltei melhor e conclui Fundamentos da Educação Ambiental, Projeto 1 – Orientação Acadêmica Integral, Projeto 2 – Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, Pesquisa em Educação 1 e Perspectivas do Desenvolvimento Humano.

No sexto semestre, fiz Sociologia da Educação, Processo de Alfabetização, Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE, Orientação Vocacional Profissional e Educação a Matemática 1. Essas duas últimas disciplinas foram muito importantes e interessantes para mim nessa trajetória. Orientação Vocacional Profissional me recordava muito meu 3º ano do ensino médio, pois fiz uso deste serviço e naquele momento eu entendia como professores fizeram para poder me ajudar e como eu poderia fazer o mesmo por outros, alunos (crianças e jovens) a descobrir o caminho que iriam querer seguir. Já Educação a Matemática 1, foi a única disciplina em todo o meu curso que não só tirei SS (maior menção na faculdade), mas conclui a disciplina com nota 10. O fator importante nesse caso é que sempre tive dificuldade com matemática e graças à ótima didática do professor Dr. Antônio Villar Marques de Sá,

pude ver que a avaliação e a forma de avaliar um aluno dependem diretamente do professor. Isso muda a forma como o aluno percebe a avaliação e seu desenvolvimento. Assim, pude mostrar meu potencial em uma área que sempre acreditei não dominar e me sentir confiante o suficiente para mostrar que realmente dominava a matéria da disciplina.

Fiz vários percursos ao longo do curso, vi muitas áreas da Pedagogia, mas minha paixão continuou a mesma. No sétimo semestre, matriculei nas seguintes disciplinas: Educação Infantil (com a Penélope Ximenes e pretendia fazer Projeto 4 fase 1 e 2 com ela, porém no semestre seguinte ela saiu por motivos pessoais e pediu que eu procurasse a Professora Maria de Fátima Guerra, quando eu disse que meu interesse era na área da alfabetização/letramento, ela indicou a professora Norma Lúcia Neris de Queiroz), Filosofia com crianças, com o Professor Tadeu Queiroz Maia, Administração das Organizações Educativas, Projeto 3 – Projetos Individualizados fase 1 (essa disciplina que seria no meu caso sobre Filosofia e cinema da professora Luciana Gomide) e Psicologia Social na Educação.

O oitavo semestre foi concluído com as seguintes disciplinas: Didática Fundamental, Ensino de Ciência e Tecnologia 1 e Projeto 3 – Projetos Individualizados fase 2 (essa que seria Filosofia e Cinema, ofertada novamente pela professora Luciana Gomide). Essa disciplina Projeto 3, que eu escolhi, me trouxe um crescimento pessoal muito grande, muita reflexão e até um aumento de confiança em debater e defender meus pontos de vista.

No nono semestre, fiz História da Educação, Fundamentos da Arte na Educação, Políticas Públicas na Educação, Oficina de Formação do Professor-Leitor, Avaliação nas Organizações Educativas e o Projeto 4 (após procurar a Professora Norma Lúcia Neris de Queiroz) estágio supervisionado com a orientação da professora em um colégio particular, esse eu escolhi, por ser próximo à minha residência. No final deste semestre meu tio Ivan, já citado neste texto, que estava com câncer maligno, faleceu exatamente no dia 03 de junho de 2011. O que me abalou novamente, pois após sua morte, a família materna que já vinha tendo problemas, brigas por conta de herança e outras coisas, só agravaram.

No décimo semestre já não havia muitas disciplinas obrigatórias para serem cumpridas e também não estava muito bem por conta dos problemas pessoais, porém fiz Ensino de História, Identidade e Cidadania, Educação em Geografia e o Projeto 4 – Fase 2. Novamente e continuamente com a Professora Norma Lúcia, mas ao fazer a Fase 1, acabei sendo contratada como Auxiliar de Ensino, portanto pude ter outra visão nesse estágio, diferentemente da Fase 1 onde era apenas uma observação.

No décimo primeiro semestre conclui apenas História da Educação Brasileira. Matriculei-me em Projeto 5 – Trabalho de Conclusão de Curso, mas não conclui e um dos motivos foi começar esse projeto com outra Professora Orientadora, pois a Professora Norma Lúcia Neris de Queiroz havia saído do quadro de professores da UnB. Outro motivo teria sido uma demissão não muito justificável do colégio particular no qual estagiei.

Nesse décimo segundo semestre estou concluindo apenas o Projeto 5 – Trabalho de Conclusão de Curso. E espero que assim, eu conclua mais uma fase da minha vida acadêmica, dando talvez continuidade futuramente.

## INTRODUÇÃO

Este estudo de pesquisa tem como objetivo revisitar a primeira fase do Projeto 4 – Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia, desenvolvida com uma turma do 1º ano do ensino fundamental e a professora regente em uma instituição de ensino da rede particular, localizada no Guará – DF. Procuramos revisitar essa experiência com um olhar crítico, mais especificamente, sobre a contação de histórias realizada pela estagiária e prática pedagógica desenvolvida pela professora regente que utiliza alguns princípios da Pedagogia Montessoriana, privilegiando, assim, atividades individuais, leitura e jogos.

A primeira fase do Projeto 4 foi realizada no primeiro semestre de 2011, na qual trabalhamos o Projeto “Contando e Encantando: Leitura e escrita, desenhando e brincando”. Esse projeto foi criado por mim com orientação da Professora Norma Lúcia Neris de Queiroz e supervisionado pela professora do 1º ano do ensino fundamental do colégio onde realizei o estágio. O objetivo central desse projeto foi auxiliar os alunos a despertarem o interesse pela leitura o mais cedo possível, partindo do princípio de que o desenvolvimento desse interesse influenciaria seu processo de alfabetização e letramento em especial, as primeiras escritas. A nossa estratégia pedagógica consistiu na contação de histórias infantis de forma lúdica, utilizando em cada um dos momentos dessa contação, um recurso diferenciado para apresentá-las aos alunos.

Na prática pedagógica, observamos alguns princípios da Pedagogia Montessoriana, especialmente, de atividades baseadas na individualidade e na liberdade desenvolvidas pela professora que podem aguçar o interesse dos alunos para aprender a ler e, assim, despertar mais um novo pequeno leitor foram fundamentalmente privilegiadas.

Neste sentido, elegemos como problema de pesquisa a seguinte questão: Como ocorreu a contação de histórias desenvolvida com os alunos pela estagiária e a prática pedagógica da professora regente de uma turma do 1º ano do ensino fundamental de uma instituição de ensino da rede particular, localizada no Guará – DF que participou da primeira fase do Projeto 4. Destacamos que a contação de história foi à estratégia pedagógica central dessa primeira fase do Projeto 4 - Estágio Supervisionado.



Com este estudo, tenho a intenção de destacar ainda a importância de utilizar estratégias pedagógicas que combinam leitura, literatura e arte no processo de ensinar e de aprender para outros pedagogos e futuros educadores.

O objetivo geral deste estudo foi revisitar a primeira fase do Projeto 4 - Estágio Supervisionado, cujo foco foi a contação de histórias infantis desenvolvida pela estagiária e a prática pedagógica da professora regente de uma turma do 1º ano do ensino fundamental em uma instituição de ensino da rede particular, localizada no Guará – DF.

Em seguida, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Analisar o Projeto de Leitura desenvolvido com textos literários infantis na experiência do estágio supervisionado a partir da metodologia, das linguagens e dos recursos utilizados;
- Analisar a prática pedagógica da professora com alunos de uma turma de 1º ano (ensino fundamental) fundamentada em alguns princípios da Pedagogia Montessoriana.

A metodologia de pesquisa utilizada aqui foi à qualitativa com os instrumentos de coleta de dados: registros escritos, fotos, trabalhos manuais realizados pelas crianças e materiais pedagógicos, criados por mim para apresentar as histórias na 1ª fase do Projeto 4.

Para facilitar a leitura deste texto, organizamos este trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, descrevemos o referencial teórico, destacando a importância da leitura e da literatura infantil, aspectos históricos da literatura infantil no mundo e no Brasil. Apresentamos, também, de um modo geral, a Pedagogia Montessoriana. A partir deste último, discutimos aspectos biográficos da história de vida de Maria Montessori, criadora da Pedagogia Montessoriana e no que consiste essa Pedagogia.

No segundo capítulo, descrevemos a metodologia de pesquisa de natureza qualitativa com os instrumentos: análise documental a partir do relatório final do Projeto 4 - Estágio Supervisionado e as observações participantes da prática pedagógica da professora regente da turma em questão.

Chegando assim ao terceiro capítulo, apresentamos a análise dos processos educativos aplicados pela estagiária e pela professora regente, incluindo o Projeto de Leitura que era desenvolvido na casa da criança, intitulado como. “A viagem dos

livros à casa da criança, unindo, escola-família e a prática pedagógica da professora regente. Realizando, assim, uma análise dos dados a fim de dar respostas às perguntas iniciais do trabalho e discussão dos resultados construídos por essa prática pedagógica.

E por último, construímos as considerações finais, nas quais abordamos o percurso feito na construção deste trabalho, bem como as sugestões e recomendações para os professores e futuros educadores.

## **CAPÍTULO 1**

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

Este capítulo foi dividido em cinco tópicos, sendo que no primeiro apresentei o que é literatura, O que é literatura infantil, e a importância da leitura e dos livros na formação dos alunos dos anos iniciais.

No segundo tópico, dissertei sobre a história da literatura infantil, abordando como, quando foi, onde e com quem ela foi iniciada. Citei, também, autores e obras que surgiram a partir deste momento e são consagradas até os dias atuais.

No terceiro tópico discuti a história e alguns representantes da literatura infantil no Brasil, as mudanças encontradas nessa literatura comparando os precursores, diferentes obras para as diversas faixas etárias, a diversidade de obras com e sem imagens e de autores.

No quarto tópico, descrevi a trajetória de Maria Montessori, do nascimento perpassando pela formação acadêmica, avanços até o processo de difusão de seus estudos e a Pedagogia Montessoriana.

No quinto tópico, retratei a metodologia da Pedagogia Montessoriana e as normas criadas por Maria Montessori numa tentativa de ajudar as crianças que eram vistas como “anormais”.

#### **1.1 – Importância da leitura e dos livros**

A leitura é um ato muito importante na formação dos alunos. Existem pessoas que acreditam, até mesmo, que o fator mais importante para frequentar a escola é somente para aprender a ler. Não que não seja um dos fatores mais importantes, porém não é o único. (COELHO, 2000)

A leitura e a educação são complementares, andam lado a lado e é com a literatura infantil que a criança consegue assimilar várias áreas do conhecimento de forma mais amena. É com essa visão que Coelho (2000) define que a escola é um local favorável ao desenvolvimento total da criança:

(...) a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço,

privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis (...) (COELHO, 2000, p.16).

Para algumas pessoas nem se deve levar em consideração a leitura para crianças que não sabem ler, mas para outros autores como Garcez (2008) é de extrema importância o contato com os livros e a literatura desde a mais tenra idade:

É imprescindível que as crianças tenham contato com o livro e não apenas com textos copiados. O objeto livro é em si mesmo atrativo, fascinante e provoca um prazer próprio, excedendo um efeito especial sobre a curiosidade das crianças (GARCEZ, 2008, p.19).

Neste sentido Coelho (2000) e Garcez (2008) orientam que é necessário os professores organizarem o tempo da leitura na escola como um momento de descontração e de lazer. Garcez (2008) enfatiza que “o tempo reservado à leitura durante, o período escolar, assegura que as crianças vão valorizar a leitura literária, pois você a está valorizando” (p.20), o que não ocorre sempre nas instituições de ensino. É importante, também, que os professores se mostrem e sejam amantes da literatura, para que assim seus alunos se espelhem neles.

Garcez (2008) afirma, ainda, que o local destinado ao momento de leitura é de sumo valor dizendo:

Assegurar um ambiente tranquilo para a leitura é muito importante. Além dos jogos e das músicas que antecedem a atividade e estimulam a concentração e a atenção das crianças, talvez seja possível proporcionar um espaço físico mais adequado: esteiras, almofadas, redes, cadeiras mais confortáveis. Muitas vezes, a leitura em ambiente aberto, à sombra de uma árvore, ou em uma varanda pode ser muito mais prazerosa que na carteira da sala de aula (GARCEZ, 2008, p.20).

Por isso é necessário acreditar que ao ser trabalhado a literatura e a leitura todos os dias nas salas de aula pode desenvolver o interesse dos alunos pelos livros

e sua “magia” de ser uma descoberta constante e encantadora. Zilberman (2005) define muito bem o livro, dizendo que “o livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens e mulheres, brasileiros ou estrangeiros” (p.9), e mais, traz em sua crença de que a literatura para criança “não é diferente: os livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar” (ZILBERMAN, 2005, p.9).

Para Coelho (2000) de forma clara e objetiva a leitura é: “(...) uma atividade mental e sensorial bastante complexa que exige exercícios gradativos de acordo com o nível de desenvolvimento global do educando (p.268)”.

Tradicionalmente, a literatura infantil recebeu um tratamento que se iniciou na sociedade romântica no século XIX, baseado nas características dos “valores tradicionais” nos quais, Coelho (2000) descreve da seguinte forma:

espírito individualista, obediência absoluta à autoridade, sistema social fundado na valorização do ter e do parecer, acima do ser, moral dogmática, sociedade sexófoba, reverência pelo passado, concepção de vida fundada na visão transcendental da condição humana, racionalismo, racismo e a da criança como um adulto em miniatura (COELHO, 2000, p.19).

Isso em seu início, nos dias de hoje ela já descreve da seguinte forma:

espírito solidário, questionamento da autoridade, sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser, moral da responsabilidade ética, sociedade sexófila, redescoberta e reinvenção do passado, concepção de vida fundada na visão cósmica/existencial/mutante da condição humana, intuicionismo fenomenológico, anti-racismo e a criança como um ser em formação (COELHO, 2000, p.19).

Essa variação se dá pela mudança nos tempos e séculos, concordo com Coelho (2000), pois a literatura atual não poderia manter pontos de vista como os que havia naquela época.

Foi com o texto de Coelho (2000) que encontrei uma definição mais completa sobre o que é literatura infantil? Quando ela diz que:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os olhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... A literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão ( p.27).

E assim podemos ver que o mais importante no processo pedagógico é ver a literatura como arte, ou seja, parte de uma cultura e também uma forma prazerosa de lazer.

## **1.2 – A Literatura Infantil e seus primeiros passos**

A literatura infantil se inicia no século XVII com Charles Perrault, um francês que escreveu contos e lendas adaptados da Idade Média (como Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida) para os famosos contos de fadas. Ele adaptou as histórias baseadas nos contos que chegaram até sua família, porém há detalhes que só poderiam ter sido escritos de alguém vindo da nobreza, como por exemplo, a vida na corte, moda feminina e mobiliários, detalhes contidos nos contos. (CADEMORTARI, 2006)

No século XIX, surgiram os irmãos Grimm na Alemanha, trazendo dos contos populares, histórias como *Rapunzel*, *João e Maria*. Seguidos pelo dinamarquês Christian Andersen com *O Patinho Feio* e *As Roupas do Imperador*; Collodi o italiano que escreveu *Pinóquio*; o inglês Lewis Carrol que criou *Alice no País das Maravilhas*; o americano Frank Baum o criador de *O Mágico de Oz* e o escocês James Barrie criador de *Peter Pan*.

Todas essas obras são consagradas até os dias atuais, pois apesar de apresentar alguns valores tradicionais não mais aceitos pela nossa sociedade, são

parte ainda da nossa cultura e são contos de fadas, que mexem com a magia e o imaginário das crianças.

### 1.3 – A Literatura Infantil no Brasil

Já no Brasil, a literatura infantil foi iniciada com o autor Monteiro Lobato no ano de 1920 com a obra *Sítio do Picapau Amarelo*. Cademartori (2006) afirma, em seu livro, *O que é literatura Infantil* que:

Monteiro Lobato estabelece uma ligação entre a literatura e as questões sociais. Dessa natureza é o nacionalismo de Lobato: sem ufanismos, sem patriotada, o olho crítico e impiedoso na realidade do país, a inconformidade com os problemas da sociedade brasileira (p. 47).

É possível inferir a partir da citação acima que Monteiro Lobato criou uma nova estética para a literatura infantil, propiciando ao leitor uma conversa com a realidade social, política, econômica e cultural. Com isso desvincula a literatura infantil da tarefa de impor a moralidade que permeia as antigas histórias para as crianças como, por exemplo, os contos de Charles Perrault. Nas histórias de Lobato, seus personagens estão sempre em busca de conhecimento, deixando a moralidade de lado e exaltando a inteligência e a esperteza. (CADEMARTORI, 2006)

Nos dias de hoje, há no mercado editorial uma vasta literatura infantil de qualidade para várias faixas etárias, até mesmo para as crianças que não sabem ler. Existem livros de plástico, de tecido, só com imagens ou com poucas palavras. Tudo isso para que a criança pequena tenha um maior contato com o livro, para que elas tenham experiências positivas de leitura mesmo antes de saberem ler. Cademartori (2006) destaca que “através da imagem visual, os livros sem texto estimulam o interesse ativo da mente em relação ao objeto” (p. 53). E mais “além disso, tais livros, mesmo sem texto, estimulam a apreensão da narratividade via visualização, tal como, basicamente, ocorrerá no processo de decodificação da história escrita, mediante símbolos de natureza diversa: as letras” (CADEMARTORI, 2006, p. 53). As obras *Todo Dia e Cabra-cega* de Eva Furnari, *Outra Vez* de Ângela Lago e *Ida e Volta* de Juarez Machado são bons exemplos de livros sem textos para crianças pequenas.

Já *Chuva, Dia e Noite* de Mary e Eliardo França e *A Dinha, A Fantasia* do autor Tenê são bons exemplos de livros para aquelas crianças em processo de alfabetização, pois têm poucas palavras, mas não falta informação para que elas possam entender a história.

Para as crianças que já têm certo conhecimento da língua escrita, há muitos livros e representantes brasileiros, como por. exemplos são: Sylvia Orthof com *A limpeza de Teresa, Maria vai com as outras, A vaca Mimosa e a mosca Zenilda, Uxa, ora fada, ora bruxa* e muitos outros; Jandira Masur com *O jogo do contrário* e *O frio pode ser quente*; Joel Rufino com *A pirilampéia e os dois meninos de Tatipurum, Histórias de Trancoso, O curumim que virou gigante, O saci e o curupira*. Com esses três últimos livros Joel Rufino trouxe à literatura infantil traços da cultura nortista e nordestina e Reynaldo Valinho Alvarez com a obra *Quem sabe o sim, sabe o não* também explorou parte da cultura nordestina (CADEMARTORI, 2006).

Para crianças com um pouco mais de idade, há vários autores que trabalham assuntos que buscam ajudá-las a lidar com relações de poder como o livro *O reizinho mandão* de Ruth Rocha e *Enquanto o mundo pega fogo* de Ruth Rocha entre outros títulos e um grande exemplo de aceitação por crianças, jovens e adultos, apesar de ser um livro infantil, é *O menino maluquinho* de Ziraldo (CADEMARTORI, 2006).

No âmbito da poesia existem poetisas como Cecília Meireles com *Ou isto ou aquilo*, a famosa *Arca de Noé* de Vinícius de Moraes, entre outros grandes nomes da literatura como por exemplo, Mário Quintana, Odylo Costa Filho e Sidonio Muralha (CADEMARTORI, 2006).

Com isso, ressaltamos que livros interessantes e bons autores não faltam para formar um bom leitor brasileiro desde cedo. O que falta, a nosso ver, talvez seja o apoio da família ou da escola para desenvolver estratégias que possam estimular o gosto para leitura das crianças pequenas com práticas leitoras interessantes, ajudando-as a enxergarem os livros não só como obrigação, mas também como arte e diversão. E para que tudo isso aconteça os professores e as famílias têm que ver os livros da mesma forma para que consigam repassar esse valor para o mais novo leitor (CADEMARTORI, 2006).



## **1.4 – Maria Montessori: Uma mulher a frente do seu tempo**

Maria Tecla Artemesia Montessori nasceu em 31 de março de 1870 na cidade de Chiaravalle, na Itália. Seu pai, Alessandro Montessori, era oficial do Ministério das Finanças na Itália, mas na época estava trabalhando numa fábrica de tabaco estatal. Sua mãe, Renilde Stoppani, era bem educada para uma mulher na época. Seus pais valorizavam a religião. Apesar dessa religiosidade, Maria Montessori fez estudos elementares, manifestando sempre interesse pelas matérias científicas, principalmente, Matemática e Biologia, o que resultou em conflito com seus pais, que desejavam que ela seguisse a carreira de professora.

Assim, ingressou na Universidade de Roma matriculando-se na Faculdade de Medicina e enfrentou muitas resistências e preconceitos, pois não era uma Faculdade para mulheres. Tudo isso por não ser um trabalho para o mundo feminino, muito menos para as mais devotas de Deus. Com muito amor ao estudo, esforço e dedicação, ela se formou e recebeu o diploma de doutoramento em 1896.

Tornou-se uma curiosidade, pois foi a primeira médica italiana, concorreu a uma vaga no internato em uma clínica psiquiátrica e assim foi se interessando e especializando em doenças do sistema nervoso.

Nesse período, Maria Montessori engravidou do Dr. Montesano, porém ele não se casa com ela, então seu filho, Mário, foi morar no campo com seus primos.

Em 1898, Montessori defendeu em um congresso em Turim a tese de que os deficientes e anormais (nomes utilizados na época para educandos com deficiências mentais) sem retirar os méritos da medicina, precisavam muito mais de um método pedagógico do que da medicina. Isto é, o desenvolvimento desses pacientes, segundo ela, dependia dos mestres e não dos clínicos.

Depois disso, ela passou a se dedicar e se orientar para a educação dos “anormais”, lendo tudo que encontrava sobre pedagogia tanto na Itália, quanto no exterior. Então ela voltou a ser estudante de Psicologia experimental e Pedagogia. Seu interesse pelos anormais e pela educação fez o ministro nomeá-la para a cadeira de Antropologia Pedagógica de Roma.

Em 1906, uma empresa italiana que construía prédios, no bairro San Lorenzo para pessoas pobres pediu-a que ajudasse resolver um problema, pois quando os pais saíam muito cedo para trabalhar deixavam seus filhos só e eles faziam muito barulho e estragavam os prédios. Se ela aceitasse eles fariam uma

sala em cada bloco para que ela tomasse conta deles deixando-os quietos e entretidos e pagariam pessoas para ajudá-la a fazer isso.

Sendo assim, em 7 de Janeiro de 1907, foi aberta a primeira “Casa dei Bambini”. Ali podiam frequentar todas as crianças entre 3 aos 7 anos de idade, que chegassem no horário certo, limpas e arrumadas. Como não era uma escola não havia exigências quanto aos programas e exames. Assim, depois de escolherem o prédio, contrataram a professora que seguia as orientações repassadas por Maria Montessori. Sabe-se hoje que este programa, apesar de está muito longe do que hoje seria uma escola bem montada, os resultados apresentados foram tão bons que a empresa resolveu abrir outra “Casa dei Bambini” em 7 de abril do mesmo ano.

Para Montessori isso era perfeito, pois a empresa tinha 400 prédios e se abrissem uma “Casa dei Bambini” em cada um deles era mais que o suficiente para expandir sua Pedagogia por toda a Itália e depois para os outros lugares do mundo.

Os educadores de outros lugares começaram a chegar a Roma para visitar as “Casa dei Bambini” e além de se impressionarem, os mais audaciosos ao voltarem para suas escolas guiavam-se pela proposta montessoriana que vinham a aprender nas visitas às “Case”. Teresa Bontempi foi uma dessas educadoras audaciosas que levou a Pedagogia Montessoriana para a Suíça. Pouco depois, foi fundada uma escola na Argentina e em 1910, a Pedagogia chegou aos Estados Unidos; em 1911 abriu-se uma escola em Paris. Em 1913, constitui-se na Inglaterra uma sociedade Montessoriana.

Segundo Silva (1955) foi assim que aconteceu a historia da médica e educadora Maria Montessori:

Ao mesmo tempo duas sociedades, uma de Milão, outra de Roma, ofereceram-se para fabricar o material necessário e a baronesa Alicia Franchetti pagava a primeira edição da *Pedagogia Científica* em que Maria Montessori expunha os princípios e a didática do seu método; e em 1911, devido aos esforços de Maria Maraini Guerrieri, o método Montessori era adoptado nas escolas primárias de Itália ( p.20)

Atualmente, os livros de Maria Montessori foram traduzidos para várias línguas e em todo mundo, há mestres preparados e escolas que adotam a Pedagogia Montessoriana. A sociedade Montessori funda escolas, dá cursos de férias, organiza conferências e se expande cada vez mais. De acordo com informações retiradas do site *Lar Montessori* , em 1951 Montessori declarou que:

Durante toda a minha vida tenho proclamado a necessidade da liberdade de escolha, da independência de pensamento e da dignidade humana. Todavia, entendo que a verdadeira liberdade é aquela interior, que não pode ser ensinada. Não pode nem mesmo ser conquistada. Pode somente ser construída dentro de si, como parte da personalidade e, se isto acontece, não poderá mais ser perdida (Montessori, Nova York, 1951).

Montessori entende perto do fim da vida que a liberdade está dentro do ser e não pode lhe ser ensinada e nem conquistada, tem que ser construída dentro de si próprio. Ela faleceu em 1952 de hemorragia cerebral, em Noordwijk aan Zee, Holanda.

Maria Montessori foi uma mulher muito a frente do seu tempo durante a vida toda, desde escolher um curso ainda não cursado por mulheres quanto quando aceita a proposta dos empresários. Acima de tudo ela é uma pessoa que queria ajudar ao próximo, ensinando autonomia para dar liberdade.

### **1.5 – A Pedagogia Montessoriana**

A Pedagogia Montessoriana é o nome dado ao conjunto de princípios, práticas e materiais criados por Maria Montessori. Esta metodologia pedagógica é estruturada em quatro pilares: o primeiro é, enxergar o desenvolvimento da criança e os outros três são pontos de vista sobre a educação, auxiliando a criança em processo de desenvolvimento.

Segundo Montessori o ponto mais importante de sua pedagogia não eram nem suas práticas, nem seus materiais, mas as possibilidades criadas pelo uso dos materiais, os quais poderiam propiciar à criança a liberdade, a verdadeira natureza do indivíduo. E assim, a liberdade que podia ser observada, compreendida e para que a criança se desenvolvesse a partir da educação e não ao contrário.

Maria Montessori escreveu sobre o desenvolvimento que acontecia nos “períodos sensíveis”, sendo que em cada época da vida da criança predomina certa característica e sensibilidade específica. Sem desconsiderar a individualidade de cada criança, Montessori com a experiência de observação definiu perfis gerais para comportamentos e possibilidades de aprendizagem para cada faixa etária.

Como cada criança tem especificidades em seu desenvolvimento, os perfis e comportamentos específicos podem auxiliar os professores usar da melhor maneira os recursos e materiais para cada fase que não tem data nem para começar e nem para terminar. Então os três pontos citados anteriormente considerados os alicerces da Pedagogia Montessoriana são:

- a) Auto-educação;
- b) Conhecimento como ciência e
- c) Educação Cósmica.

A auto-edução pode ser entendida como a liberdade que cada criança tem para fazer as atividades que lhe interessam. Com isto se auto-educar. O professor fica com a função de observar os interesses de cada criança acompanhando o desenvolvimento dessas atividades. A partir da evolução de cada criança, o professor organizar as atividades que serão apresentadas. O princípio da liberdade é citado por Silva (1955) em seu livro da seguinte forma:

Liberdade, porém, não significa abandono; todos os nossos cuidados, insiste a Montessori, devem voltar-se para o ambiente em que a criança vai desenvolver-se, cercando-a de tudo que a pode auxiliar, arredando os elementos que lhe seriam prejudiciais, assentemos de uma vez para sempre em que não somos nós quem constrói a sua vida psicológica e cessem todas as preocupações de a robustecer para a vida, de lhe formar a vontade pela repressão, de lhe impor, desde muito cedo, características psicológicas que não são da criança, mas dos adultos; é o pequeno quem às há-de criar lentamente; empreguemos toda a nossa energia e todo o nosso interesse pelo progresso em lhe fornecer um meio favorável. (SILVA, 1955, p.39)

Para que tudo isso aconteça da melhor forma, o espaço físico deve ser muito bem pensado, organizado da forma descrita por Silva (1955) quando disse:

Na escola montessoriana tudo é construído pensando na criança; as paredes são de cores alegres, as janelas e portas têm fechos baixos para que os pequenos possam manejar, os lavatórios têm a altura conveniente para que as crianças se possam lavar sem auxílio estranho; o mobiliário, feito de madeira leve, é composto de mesinhas e de cadeiras bem proporcionadas que dão à escola um ambiente de casa e que as crianças podem deslocar e arrumar; os armários são calculados para que elas os abram e fechem e utilizem com facilidade; à mesa, a criança não tem copos e pratos de metal: são de vidro e louça, como os dos adultos; são assim mais educativos porque obrigam a criança a ter mais cuidado; as flores e

os quadros acabam de dar às aulas um ar de frescura, de alegria e de graça (p.42).

O conhecimento como ciência e segundo princípio pode levar ao aperfeiçoamento do ensino e da aprendizagem com o professor sendo o mais objetivo possível no que ensina. Assim a criança compreende com mais tranquilidade. É aqui que a criança deve ser estimulada a construir o conhecimento, baseado no que já conhece e em sua realidade para que possa desenvolver sua imaginação e criatividade.

Já a educação cósmica é a maneira de educar. Com o tempo, a criança vai percebendo a interligação, interação e interdependência de tudo aquilo que é ligado ao universo, o cosmos. Também é uma forma de ordenar o currículo escolar e o conhecimento, quanto mais ordenado for o conhecimento que vai aprender, mais facilmente a criança aprende. Com essa forma de educar é possível averiguar quais são os reais interesses das crianças ao passo que pode despertar vários outros interesses. Podendo até descobrir em cada criança qual é o objeto que a leva à reflexão e o que lhe fascina, não modelando a criança pelo método pedagógico, mas modelando a metodologia pela criança como forma de adaptação.

Essa metodologia causa no aluno uma autonomia desde cedo deixando a criança crescer e desenvolver mais confiante e uma pessoa que sabe fazer melhores escolhas entendendo mais cedo também que as escolhas acarretam em consequências.

## **CAPÍTULO 2**

### **METODOLOGIA DE PESQUISA**

Este capítulo descreve a metodologia utilizada neste estudo, destacando o contexto de pesquisa, que neste caso, foi realizado em uma escola particular do Guará - DF, a caracterização dos sujeitos participantes (a turma do 1º ano e sua professora regente), os procedimentos tomados para a realização da observação participativa e da análise de documental.

A escolha da metodologia da pesquisa qualitativa se deram por ser preciso contato direto com o objeto de pesquisa, analisar a prática pedagógica usada pela professora regente do 1º ano do ensino fundamental de uma escola particular do Guará .e a discussão das atividades de contação de histórias realizadas por mim na intervenção da primeira fase do Estágio Supervisionado. Por isso é importante destacar a concepção de pesquisa qualitativa e a descrição do contexto, dos participantes e dos instrumentos utilizados para a coleta e análise dos dados.

Segundo Lüdke e André (1986), “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo (p.11)”. Esse contato favorece o pesquisador procurar as respostas e alcançar os objetivos do seu estudo de pesquisa.

Lüdke e André (1986) apresentam, ainda, cinco características provenientes da pesquisa qualitativa e que devem ser apreendidas com atenção e olhar sensível do pesquisador, são elas:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu próprio instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador e a análise de dados tende a seguir um processo indutivo (LUDKE & ANDRÉ, 1986 ,p. 11).

Com relação ao instrumento de coleta de dados utilizados neste estudo, foram a observação participante e a análise documental. A observação participante pode ser entendida como “(...) técnica de coleta de dados e aproximação do sujeito e fenômeno pesquisado, possibilitando um contato pessoal e estreito com o

pesquisador” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 26). Para as autoras, esse instrumento se adéqua melhor a proposta desse tipo de estudo, uma vez que facilita uma aproximação mais rica entre o objeto de estudo e o pesquisador.

A partir da escolha do instrumento de pesquisa, Lüdke e André (1986) definem o papel do observador participante como:

(...) a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo são revelados ao grupo pesquisado desde o início. Nessa posição, o pesquisador pode ter acesso a uma gama variada de informações, até mesmo confidenciais, pedindo cooperação do grupo. Contudo, terá em geral que aceitar o controle do grupo sobre o que será ou não tornado público pela pesquisa (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p.29).

Outro instrumento utilizado foi a análise documental, cuja técnica é decisiva para a pesquisa em ciências humanas e sociais. Ela é indispensável, pois a maior parte das fontes são escritas normalmente constitui a base do trabalho de investigação. A análise documental é realizada a partir de documentos, atuais ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos e deve muito à História e mais ainda aos seus métodos críticos de investigação sobre fontes escritas. Com isso, a análise documental é uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja completando informações obtidas por outros meios ou descobrindo novos aspectos de um problema ou tema (LÜDKE & ANDRÉ, 1986).

## **2.1 – Contexto da Pesquisa**

A instituição de ensino selecionada para este estudo foi uma escola particular católica, que tem uma boa área externa. Nela há um pátio com duas quadras, um parquinho e um pátio interno onde são realizadas orações todos os dias antes de iniciar as aulas e uma vez por semana realiza-se um momento cívico.

As salas de aula são bem estruturadas, com mobiliário adequado à faixa etária e lugar para acomodar os materiais pessoais como mochilas e lancheiras. No espaço das salas de educação infantil, os banheiros são adaptados de acordo com o tamanho das crianças para oferecer maior independência.

A escola possui, também, uma cantina, uma biblioteca, uma ludoteca com televisão e DVD, salas especiais para judô, aulas de inglês e ballet, além das salas

de aulas das turmas. Todas essas salas são acomodadas em um prédio de três andares.

## **2.2 – Sujeitos participantes**

Foram participantes deste estudo uma turma de 1º ano do ensino fundamental, composta por 12 crianças, sendo 7 meninas e 5 meninos, e a professora regente que deu aulas durante nove anos em uma escola Montessoriana e já está nesta instituição de ensino há vários anos e na regência para a turma do 1º ano do ensino fundamental há dois anos.

As crianças observadas aparentavam fazer parte da classe média alta, tinham entre 5 e 6 anos de idade e que em sua grande maioria não tem muito acompanhamento dos pais. Às vezes deixam de participar de atividades apenas porque os pais não assinaram a autorização que estava na agenda da criança por nem terem visto.

A professora regente é uma pedagoga formada, muito paciente com as crianças, porém mantém bem a disciplina. Até o presente momento ela não estava fazendo nenhum curso de formação continuada, mas almejava uma vaga como professora na Secretária da Educação do DF, segundo ela para que pudesse ter uma segurança que ela não acredita ter na instituição particular.

## **2.3 – Instrumentos de construção de dados**

Neste estudo, foi utilizado os seguintes instrumentos de coleta de dados: a observação participativa na sala de aula com duração de 90 horas obrigatórias e mais 95 horas como voluntaria, com permissão da professora regente e da coordenação da escola para melhor interagir com os alunos e construir dados para subsidiar a análise com maior qualidade.

## **2.4 – Procedimentos de coleta e análise de dados**

O trabalho de pesquisa foi realizado a partir da análise da prática do Estágio Supervisionado da primeira fase do Projeto 4. Inicialmente fui conversar com a coordenadora pedagógica da escola solicitando a permissão para realizar o Estágio.



Fui aceita. Em seguida tive uma conversa com a professora regente da turma do 1º ano para combinar os horários e ver o interesse dela em supervisionar o meu estágio obrigatório e não remunerado.

Iniciei as observações no dia 02 de maio de 2011 e se estendeu até o fim do semestre, 01 de Julho de 2011 no turno matutino (onde só não comparecia às terças-feiras, pois fazia uma disciplina na UnB, sendo assim 37 dias de aulas, num total de 185 horas de observação). A professora foi muito receptiva com a minha chegada a sala de aula. Fui devidamente apresentada aos alunos de maneira que eles pudessem ficar mais a vontade com minha presença. Sendo que muitos deles me explicaram as rotinas do dia, me apresentaram aos colegas e aos professores de atividades complementares, como música, judô, ballet, inglês e religião.

Tive a oportunidade de participar de toda a rotina prevista nos dias de observação e de me aproximar cada dia que passava mais e mais dos alunos.

A análise e discussão de dados foram realizadas a partir dos dados registrados no relatório final de Estágio, que envolveram as observações da prática da professora e dos resultados do Projeto de Leitura aplicado por mim como atividade de regência obrigatória do Estágio supervisionada pela professora regente da turma.

### **CAPÍTULO 3**

#### **ANÁLISE DE DADOS**

#### **UMA REVISITAÇÃO AO PROCESSO EDUCATIVO VIVENCIADO**

Neste capítulo, tratei da análise e discussão dos dados obtidos na fase 1 do Projeto 4 do Estágio Supervisionado.

Neste capítulo apresentei e discuti a prática pedagógica desenvolvida por mim com a contação de histórias infantil como atividade da primeira fase do Projeto 4 – Estágio Supervisionado e analisei também a prática pedagógica da professora regente que trabalha com alguns princípios da Pedagogia Montessoriana.

Na descrição da prática da contação de história infantil, expus todo o material produzido, especialmente, os registros escritos, fotos, trabalhos manuais realizados pelos alunos e os materiais pedagógicos criados por mim para contar as histórias, caracterizando a revisitação da primeira fase do Projeto 4 – Estágio Supervisionado.

Em seguida apresentei a prática pedagógica da professora regente observada nesta fase Projeto 4 - Fase 1, destacando especialmente os princípios da Pedagogia Montessoriana, a partir dos registros das observações em sala de aula. Inclui também como a escola em questão lida com a literatura como forma de interação entre ela e a família, como uma tentativa de aproximar as famílias da escola, para que a família participe da educação de seus filhos.

Destaco, ainda, que todos os nomes que apareceram neste capítulo são fictícios para preservar a identidade dos alunos e da professora.

#### **3.1 – Análises dos resultados das atividades elaboradas na fase 1 do Projeto 4**

A escolha desta escola partiu, principalmente, por ser próxima à minha residência. Outro motivo foi a afeição que já mantinha ao passar sempre perto da escola e ver os alunos brincando no pátio, algo que me fazia senti uma enorme vontade de trabalhar nessa instituição específica.

Durante todo o período do Estágio Supervisionado fui muito bem atendida em relação às dúvidas. As crianças também me deram o suporte necessário sobre suas percepções relacionadas às rotinas em sala. Já em relação à escolha da professora,

Não escolhi a professora, mas a coordenadora me deu oportunidade de escolher qualquer turma da escola para fazer a observação, escolhi a turma do 1º ano. Em seguida, fui apresentada à professora regente da turma, houve uma afinidade imediata e ela me disse que poderia observar quantas aulas eu quisesse e não precisava ser marcado horário. Respondi que sendo dessa forma, iria todas as manhã exceto a que tinha aula na UnB e ela continuou consentindo.

Nesta fase 1 do Projeto os materiais foram criados por mim para explanar sete aulas e todas elas foram direcionadas aos alunos do 1º ano, nas quais foram trabalhados uma poesia e quatro livros diferentes. Segue tabela com informações sobre os sete planos de aulas e os mesmos se encontram na íntegra nos anexos.

<b>Número das aulas</b>	<b>Livro ou Texto</b>	<b>Autor</b>	<b>Atividades</b>
<b>1ª aula</b>	<b>12 coisinhas à toa que nos fazem felizes</b>	<b>Ruth Rocha</b>	<b>Desenhar algo que os faziam felizes</b>
<b>2ª aula</b>	<b>Maria vai com as outras</b>	<b>Sylvia Orthof</b>	<b>Colorir o desenho de uma ovelhinha</b>
<b>3ª aula</b>	<b>A Cigarra e a Formiga</b>	<b>Esopo (recontada por Walt Disney)</b>	<b>Colorir o desenho de uma formiguinha</b>
<b>4ª aula</b>	<b>A Joaninha Rabugenta</b>	<b>Eric Carle (tradução de Ana Maria Machado)</b>	<b>Desenhar a parte da história que mais gostaram</b>
<b>5ª aula</b>	<b>Você Troca</b>	<b>Eva Furnari</b>	<b>Desenhar algo para trocar com o amigo oculto</b>
<b>6ª aula</b>	<b>Explicar o amigo oculto, sorteio e desenho de presente do amigo</b>	<b>_____</b>	<b>Definir as regras do sorteio e do presente para o amigo oculto</b>

<b>7ª aula</b>	<b>Realização do amigo oculto com a turma</b>		<b>Entrega e troca dos desenhos do amigo oculto</b>
----------------	---	--	---

Os textos descritos na tabela acima encontram-se em anexo no final deste texto, exceto o do livro “A Joanhinha Rabugenta”, pois o livro tem uma disposição gráfica e imagens que complementam.

Todas as atividades propostas no Projeto de Leitura aplicado na fase 1º ano do Ensino do Projeto 4 foram realizadas e concluídas de forma satisfatória, como planejado.

Todos os alunos demonstraram interesse pela audição da história pelas atividades propostas, porém no momento da realização um ou outro aluno fizeram de forma corrida sem prestar muita atenção.

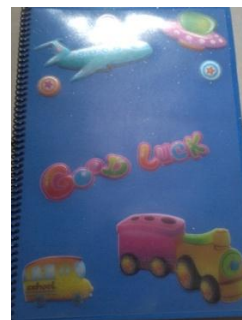
Os objetivos da primeira aula foram conhecer a história “Doze coisinhas à toa que nos fazem felizes” do livro “Toda Criança do Mundo Mora no Meu Coração”, de Ruth Rocha.

O texto “Doze coisinhas à toa que nos fazem felizes” caracteriza-se como um poema. Trabalhar com o gênero textual poesia é uma oportunidade que o professor tem de fazer uma leitura, expressando o ritmo, a sonoridade, o andamento do poema com a intenção de despertar nos alunos sentimentos positivos e o gosto pela leitura e

Além disso, o professor pode destacar no trabalho com o poema: a musicalidade realçada nos diferentes momentos do poema; a inventividade do poeta; as repetições, que sustentam o ritmo; os elementos lexicais, cujas escolhas transferem ao texto os efeitos de sentido pretendidos (tristeza, alegria, nostalgia, etc)( WINTER, 2009, p. 2)

A aula se iniciou com a audição do vídeo (formato de musical) do poema “Doze coisinhas à toa que nos fazem felizes” apresentado por um grupo de teatro, envolvendo crianças e adultos “Casa da Ruth” Esse vídeo tem duração de 3 minutos e 24 segundos e pode ser encontrado no site [http://www.youtube.com/watch?v=D6rNfGb\\_QgU](http://www.youtube.com/watch?v=D6rNfGb_QgU), acessado em 03 de maio de 2013.

A imagem que aparece ao lado direito desta página mostra a capa do livro montado com os desenhos dos alunos da turma referente a audição do poema “*Doze coisinhas à toa que nos fazem felizes*”. Após a contação/audição da história, os alunos fizeram desenhos sobre coisas que os deixavam felizes. Os procedimentos didáticos foram divididos em dois momentos:



a) conversa com os alunos sobre o que eles mais gostavam de fazer e o que os deixavam mais felizes

b) pedi que eles desenhassem o que deixavam mais felizes no papel para montar um “livro” da turma, com base no texto “Doze coisinhas à toa que nos fazem felizes”

A atividade solicitada, ou seja, o desenho sobre o que deixavam os alunos mais felizes nessa aula com apresentação do poema *Doze coisinhas à toa que nos fazem felizes* de Ruth Rocha não foi feita de bom grado por todos os alunos. Todos refletiram sobre o que mais gostavam facilmente, porém quando pedi que eles desenhassem no papel, Maria, por exemplo, recusou-se realizar a atividade alegando estar com preguiça. Como insisti, ela realizou, mas mudou o que a deixava feliz. Na conversa era “sua mãe, seu cachorro e outras coisas”. Já na atividade do papel, ela mudou para o amor e desenhou alguns corações para representar o amor que sentia por todos (mãe, cachorro, o colégio, etc.).

Acredito que tanto Maria, quanto outros alunos em momentos diferentes tiveram a mesma sensação denominada, por eles, como “preguiça”, porém acredito que o desânimo apresentado teria como motivação outros fatores, e não preguiça, como por exemplo, o cansaço com provas, diversas atividades escritas, ensaios para a festa junina, aulas de judô, ballet e aula de inglês.



Analisando os desenhos dos alunos, foi possível observar a descrição dos desenhos feitos pelos próprios.

A imagem a esquerda mostra uma das páginas do livro feitas a partir do poema de Ruth Rocha e outra com o desenho de Magda o que a deixa mais feliz. Ela disse que o que mais a fazia feliz “era terminar a lição para ir brincar” e em seu desenho aparecem ela mesma, um caderno, uma flor e o coração, representando o amor.

<b>Nome dos alunos</b>	<b>O que mais o fazia feliz</b>	<b>O que representou em seu desenho</b>
Diogo	eram duas coisas: jogar futebol com o amigo Ruan e jogar videogame em casa	ele mesmo jogando bola com Ruan, uma televisão e seu videogame.
Maria	o amor	desenhou vários corações
Carlos	andar de skate	ele andando de skate em uma floresta com algumas borboletas, flores e uma árvore
Raul	era ficar com sua mãe	aparecem ele e sua mamãe.
Giulia	era ficar com sua mãe	aparecem ela e sua mamãe
Renata	brincar com seu gatinho que havia fugido	ela com o gatinho em seu colo.
Amanda	ficar com sua mãe e sua família”	ela,a mamãe, o papai, o irmão e seu cachorro.
Lucia	ficar com sua mãe e sua família	sua casa, o amor da família toda, flores e um lindo céu.
Danilo	tomar sorvete,	ele tomando sorvete, um parque uma mulher com um carrinho vendendo sorvete, um lindo céu com uma borboleta.
Sandra	ficar em seu quarto	ela em seu quarto, com uma cama e seus brinquedos.
Ruan	fazer fotos e ficar com a mamãe e a prima dele	ele mesmo tirando fotos e na outra metade ele em casa esperando sua mãe e sua prima.

Fonte: Registro do Relatório Final de Estágio Supervisionado da autora.

O quadro acima foi utilizado para uma melhor compreensão do leitor ao visualizá-lo. Inicialmente mostra o nome do aluno, depois o que mais fazia esse aluno feliz e em seguida o que ele representou em seu desenho.

Esperávamos com isso que os alunos, aos poucos, aumentassem sua sensibilidade estética e criatividade para a audição de histórias, a habilidade de escrita, trabalhando a função motora fina. Os materiais utilizados nesta aula foram o vídeo, meia folha de papel A4, papel colorido, lápis de cor e canetinha.

Os objetivos da segunda, terceira, quarta e quinta aulas foram sensibilizar para a audição de histórias infantil e desenvolver o gosto pela leitura, de acordo com

o que defende Cadermatori (2006) os professores têm de ver os livros da mesma forma para que consigam repassar esse valor para o mais novo leitor, seus alunos.



Com base nessa afirmação, decidi montar um “livrão” com a ajuda de quatro textos diferentes e quatro atividades diferentes. A imagem no início da página a esquerda é a foto da capa do livrão organizado pela autora deste estudo com os alunos.

Iniciamos a segunda aula, com o texto “Maria vai com as outras” de Sylvia Orthof. Nela, tivemos a intenção de mostrar aos alunos que não se devem seguir os outros só por seguir. Novamente, os procedimentos didáticos foram divididos em dois momentos. Esta obra conta a história de Maria, a ovelha que sempre fazia tudo como as outras. Não tinha uma opinião própria. Até que um dia, ela descobriu que podia ter o seu próprio caminho, basta querer. “Agora, mé, Maria vai para onde caminha o seu pé” (Coelho, 2000, p. 34).

No primeiro momento, começamos a aula contando a história “Maria vai com



as outras” com a ajuda de uma caixa ornamentada, formando o cenário da história e os desenhos das ovelhas, restaurante, morro feitos em cartolina, confeccionados por mim com ajuda da minha mãe. Este cenário e as marionetes da Maria (personagem principal de “Maria vai com as outras”) e mais três ovelhinhas aparecem na foto à esquerda dentro da caixa.

No segundo momento conversei com os alunos sobre a moral da história e o que eles achavam em relação a imitar os colegas e familiares e/ou fazer seu próprio caminho e escolhas. Em seguida, pedi para que eles colorissem imagens selecionadas por mim de ovelhinhas “Marias” da forma que eles a viram. E essa foto do lado direito são as produções dos alunos, as quais foram coladas em uma das páginas do livrão da turma.



Esperávamos com isso que os alunos aumentassem sua capacidade de escrita, trabalhando a função motora fina ao colorir uma imagem dentro das linhas, ajudá-los na interpretação de texto, usando uma forma diferencia de apresentação da leitura do texto, que seria com marionetes de desenho levando em conta o que Coelho (2000) disse sobre o que é a literatura infantil:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os olhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... A literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão ( p.27).

E, sendo assim, despertar também o gosto pela leitura e suas várias formas.

Os materiais utilizados nesta aula foram meia folha de papel A4 com o desenho da “Maria”, lápis de cores, canetinhas, cartolina, palitos de picolé, caixa de sapato, papel fantasia e papel crepom.

Na terceira aula, como na segunda, demos continuidade a elaboração do “Livrão”, com a ajuda do desenho animado da Walt Disney “A Cigarra e a Formiga” apresentando aos alunos a importância do trabalho. Os procedimentos didáticos foram divididos também em dois momentos.

Iniciamos a aula com a apresentação do desenho animado Walt Disney “A cigarra e a formiga” que tem duração de 8 minutos e 12 segundos.

Em *A cigarra e a formiga*, La Fontaine fala sobre a importância do trabalho, onde nem sempre é possível apenas divertir-se, é preciso também batalhar. A adaptação de Walt Disney conta a história da cigarra que sonhava em ser cantora, e passou todo o verão cantando. O inverno chegou e ela se deu conta de que não havia trabalhado, portanto não tinha o que comer. Com frio e com fome, resolveu ir às suas vizinhas formigas para pedir ajuda. A rainha das formigas de começo não quis ajudá-la, porém vendo a situação da cigarra deu-lhe a oportunidade de trabalhar no inverno para conseguir sua comida que seria tocando para elas naquele período de inverno.



No segundo momento, conversei com os alunos sobre a moral da história e o que eles achavam sobre a atitude das formigas e da cigarra tanto no começo do desenho quanto no final. Depois de mostrar o vídeo para os alunos e da conversa sobre o Vídeo pedi para que eles colorissem imagens selecionadas por mim de formigas trabalhando e entrando em suas casas. Essa foto ao lado à esquerda diz respeito as produções dos alunos realizadas nessa aula, quando terminaram foram coladas nas páginas do livrão.



O esperado dos alunos com esses procedimentos era utilizar o interesse dos alunos em desenho animado e mostrá-los que o desenho animado também conta uma história, que poderia ser um boa leitura mesmo sendo em forma de livro e não de desenho animado. Para essa atividade foram utilizados: o vídeo com o desenho “A Cigarra e a Formiga”, meia folha de papel A4 com o desenho das de formigas trabalhando e entrando em suas casas e giz de cera.

A quarta aula utilizamos na contação da história a obra “A Joaninha Rabugenta” de Eric Carle (tradução de Ana Maria Machado), com o propósito foi mostrar aos alunos a importância de dizer obrigada. Trazer a sinopse do texto da e fazer desenhos sobre a parte que mais gostaram da história.

Divididos em dois momentos, os procedimentos didáticos foram iniciados com a leitura do livro “A Joaninha Rabugenta” para toda turma e em seguida, conversei com os alunos sobre a moral da história e o que eles achavam dela. Como eles agiam no dia-a-dia e se eles faziam uso de palavras como “obrigada”, “de nada”, “por favor” e “com licença”, as famosas e conhecidas “palavrinhas mágicas”. Por fim, foi pedido aos alunos que desenhasssem a parte que mais gostaram da história em meia folha de papel A4. Na foto do lado direito são as produções dos alunos, o mais interessante é que todos quiseram desenhar cada um a sua maneira, a mesma Joaninha Rabugenta, personagem principal da história em formato de anti-herói que se encontrava na capa do livro. As atividades realizadas nessa quarta aula foram coladas nessas páginas do livrão sequencialmente.



Com a realização desta aula esperávamos que os alunos trabalhassem a criatividade ao desenhar a parte da história que mais gostaram e a capacidade de interpretar o texto, a partir da contação de histórias. Para isso foi necessário apenas o livro, meia folha de papel A4 e giz de cera.

A quinta aula, quarta e última aula tive o intuito de desenvolver também o gosto pela leitura e por fim completar o “Livrão” com o resultado da contação das histórias infantis. Nessa quinta aula realizei a contação da história com ajuda do Livro “Você Troca” de Eva Furnari. Com essa atividade procurei mostrar aos alunos que a troca pode ser vantajosa ou não, o que não serve mais para alguém pode ser muito útil para outra pessoa e que a troca é um dos meios diferentes de se obter

“novas” coisas e/ou objetos, considerando que a troca não é mais muito utilizada. Nos dias de hoje, a compra é mais utilizada entre as pessoas.



A foto do lado esquerdo representa as produções dos alunos feitas nesta quinta aula. Os procedimentos didáticos foram iniciados com a leitura do livro “Você Troca”. Estes procedimentos foram divididos em dois momentos desenvolvidos em sequência: assim que terminei o primeiro, comecei o segundo. Conversei com os alunos sobre trocas, valores, dinheiro, doações e o que eles achavam de trocar seus pertences. Pedi para que elas desenhasssem a parte que mais gostaram da leitura no papel. Os alunos foram estimulados a pensar sobre o que trocariam. Danilo, por exemplo, na conversa ele falou em trocar vários brinquedos, mas quando solicitei para que ele desenhasse pelo menos um deles, ele disse que iria desenhar os óculos do seu avô para trocar, alegando ser mais fácil de desenhar, e acredito que no caso do Danilo essa mudança foi por ele sempre fazer as atividades com muito capricho, zelo e perfeccionismo, logo por mais que ele tivesse pensado em trocar vários outros objetos ele teve receio de não conseguir desenhar esse objetos com tamanha perfeição como os óculos do avô.

A expectativa ao fazer essa atividade era de ajudar no aumento da capacidade de escrita dos alunos, trabalhando a função motora fina os alunos desenharem os objetos que não precisavam mais e poderiam trocar e ajudá-los na compreensão do texto ouvido e levar a experiência de trocar para sua vida pessoal. E os materiais utilizados nessa aula foram: o livro de Eva Furnari “Você Troca”, meia folha de papel A4 e giz de cera.

As duas últimas aulas foram reservadas uma preparação do Amigo Oculto de Desenhos. O objetivo foi, a partir da contação de história do livro “Você Troca” utilizado na aula anterior tive a intenção de criar uma interação maior da turma com o Amigo Oculto e também uma forma fazer a minha despedida como estagiária.

Os procedimentos didáticos foram divididos em três momentos que ocorreram em duas aulas. O primeiro momento foi necessário explicar para os alunos como funcionava um amigo oculto, ou seja, não se podia revelar o nome dos colegas sorteados. Os alunos sortearam os amigos na última aula quando aconteceria a troca de envelopes com os desenhos feitos para o amigo oculto.

O segundo momento foi iniciado com o sorteio dos alunos para os quais iriam fazer o desenho. A foto ao lado à direita são dos envelopes com os desenhos dos alunos para serem entregues aos amigos ocultos, as atividades realizadas nas sexta e sétima aulas foram coladas nas últimas páginas do livrão.



Em seguida, não deixei que os alunos vissem, organizei os desenhos prontos, em envelopes coloridos com o nome dos alunos destinatários e os remetentes e entreguei na segunda aula para cada um, o envelope com o seu desenho para ser entregue ao colega sorteado.

Na segunda aula, no terceiro momento, houve a brincadeira de adivinhar quem era o amigo oculto de cada, um dando algumas características do colega sorteado pelo aluno que fez o desenho.

Com essa atividade era esperado que os alunos ficassem mais unidos de uma forma descontraída e tivessem a minha despedida de forma mais agradável possível. Para esse amigo oculto foram necessários os envelopes coloridos, giz de cera, lápis de cores, pequenos papéis com o nome dos alunos para o sorteio e adesivos para lacrar os envelopes.

Como essa atividade foi realizada no último dia de aula antes das férias de julho não foi possível acompanhar a real influencia dessas atividades nos alunos que delas participaram.

### **3.2 – Revisitando a prática pedagógica da professora regente**

A prática pedagógica da professora regente da turma observada é resultante da experiência como professora de uma escola tradicional até 2009. Antes dessa experiência ela trabalhou em uma escola que adotou a Pedagogia Montessoriana, na qual se acostumou a confeccionar seu próprio material, como por exemplo, o alfabeto móvel. Com este alfabeto, em uma das aulas observadas, a professora montou a palavra “demte” e avisou que era uma pegadinha e os alunos deveriam descobrir os problemas com essa palavra. Todos leram com som de “m” e viram que algo estava errado. A professora fez com que eles pensassem sobre a escrita da palavra dente. então uma aluna falou que a professora estava falando errado e que

a escrita correta da palavra era com “n” e não com “m” no final da primeira sílaba não canônica.

Estratégias de ensino como essas fazem a diferença em práticas pedagógicas como princípios da Pedagogia Montessoriana. Observei que a aluna se sentiu a vontade para dizer que a professora estava escrevendo errado o que não se costuma observar em instituições mais tradicionais, nem a professora pronuncia de forma incorreta, nem faz os alunos refletirem, especialmente, com alunos nessa faixa etária e os alunos não sentem abertura suficiente para afirmar que a professora está errada. Essa situação é diferenciada, porque a professora tem autonomia para ensinar dessa forma apesar da escola ser tradicional, mas a coordenação pedagógica confia na prática pedagógica da professora participante deste estudo.

Outro aspecto que merece ser destacado aqui diz respeito ao local que a professora fazia a rodinha. Ela levava todos os alunos para o fundo da sala para explicar um novo conteúdo que ela chama de “Aula Nova”. Estendia um pedaço de lona no meio da rodinha e todos faziam silêncio absoluto, reparei que ela conversava com os alunos de igual para igual.

Para que tudo isso aconteça da melhor forma, o espaço físico deve ser muito bem pensado, organizado da forma descrita por Silva (1955) quando disse:

Na escola montessoriana tudo é construído pensando na criança; as paredes são de cores alegres, as janelas e portas têm fechos baixos para que os pequenos possam manejar, os lavatórios têm a altura conveniente para que as crianças se possam lavar sem auxílio estranho; o mobiliário, feito de madeira leve, é composto de mesinhas e de cadeiras bem proporcionadas que dão à escola um ambiente de casa e que as crianças podem deslocar e arrumar; os armários são calculados para que elas os abram e fechem e utilizem com facilidade; à mesa, a criança não tem copos e pratos de metal: são de vidro e louça, como os dos adultos; são assim mais educativos porque obrigam a criança a ter mais cuidado; as flores e os quadros acabam de dar às aulas um ar de frescura, de alegria e de graça (p.42).

Outra aula muito interessante foi sobre números pares e ímpares, na qual a professora usou o número de alunos e as partes do corpo humano (cotidiano dos alunos), para ensinar os conceitos de pares e ímpares..

O número de alunos correspondia a 6 duplas (pares), pois eram 12 alunos, e o número de professoras eram ímpares, pois éramos 3 (a professora, a auxiliar de ensino, e eu, a estagiária). Depois, ela esticou uma lona preta no chão, colocou a

sequencia de 1 a 10 (número por número) e em frente dos números, colocou tampinhas de refrigerante, representando a quantidade do número. Nos números ímpares ao tentar passar o dedo entre as tampas o dedo era barrado, já nos pares que formavam número exato de duplas o dedo passava direto e podia seguir até o fim da lona. Ao fazer esse exercício em todos os números os alunos iam identificando quais eram os pares e quais eram os ímpares em voz alta. Após esse momento, ela pediu que todos fossem buscar cada um seu material dourado (material criado por Maria Montessori) e voltasse para a rodinha. Ela ensinou os números 16 e 17, bem como que todo número terminado em 0 é par, 10, 20, 30, 40, 50, etc. E que 0 é ausência de elemento. Tia Júlia explicou que na Pedagogia Montessoriana existe os tentos são de madeira e de cores diferentes, como ela não têm os originais, vem usando os de emborrachado e as tampinhas para substituir e usar a mesma metodologia.

A aula era regida ao som de músicas como por exemplo: “Beatles for babies”, quase todos os dias, sempre com músicas instrumentais.

Outro momento foi, quando tia Júlia colocou a palavra “tamga” e foi a Maria que acertou que “M só vem antes de P e B”. Todos bateram palmas para Maria. Eles acertaram que “tenpo” estava escrito errado e “timta” também. Tia Júlia chamou essa aula de “Aula Nova”. Ela já tinha apresentado isso para eles, só que por conta da festa do dia das mães, foi de forma rápida. Então ela apresentou o “D” (maiúsculo) e o “d” (minúsculo), sua fonética e depois pediu para Magda buscar quatro realias: dinossauro, dinheiro, dado e assim começaram a dar vários exemplos como: “Diogo, din-din, depilação, dormir, Dora, etc.”

Realias são objetos que imitam a realidade de um Alfabeto Concreto (nomenclatura utilizada por Montessori para apresentar o alfabeto para os alunos). No alfabeto disposto em sala de aula são colocados abaixo da letra objetos que se iniciem com a letra, para que o aluno faça a relação da palavra escrita e o objeto, usando o tato e a visão para fixar com mais facilidade a fonética e fonologia da letra representada.

Outro momento que me chamou a atenção foi em uma aula que a professora me pediu para fazer margens nos cadernos de “Escrita Espontânea” dos alunos da tarde. O caderno de “Escrita Espontânea” é um caderno que a criança escreve duas palavras com a letra que representa um fonema escolhido pela professora, com a letra maiúscula e minúscula. Ela pode escrever da forma que quiser ou acha que

está escrito corretamente, ou seja, da maneira dela e não há erro neste caderno. Depois faz um desenho que represente cada palavra.

Essa forma de apresentar os conteúdos faz parte da Pedagogia Montessoriana adaptando-a à metodologia da escola, pois há provas, ditados da forma tradicional, porém pela influencia da pedagogia apenas são utilizadas no ditados palavras trabalhadas em sala por todo o grupo. Adorei conhecer de perto a aplicação dessa Pedagogia e o desenvolvendo da turma do 1º ano do ensino fundamental desta escola.

Nos anexos, podem ser encontrados sete registros das primeiras aulas observadas.

### **3.3 – O livro de literatura na escola: uma “viagem” entre a sala de aula e a família**

Nesta escola havia ainda o projeto chamado de O livro de literatura na escola: uma “viagem” entre a sala de aula e a família destinado para todas as turmas dos anos iniciais. Todas as sextas-feiras, um dos alunos levavam para casa uma caixa para a casa com três títulos para serem lidos com a família, um caderno (diário que deveria vir escrito como foi à experiência de leitura com a família, um desenho do aluno representando a história escolhida entre as três por ele como sua favorita) e, voltar na outra sexta-feira, com lembrancinhas relacionadas à história favorita (uma para cada aluno). Se a família quisesse uma para a professora e outra para à auxiliar de ensino eram bem recebidas também. Sendo assim, a caixa passava uma semana com a família e tinha de voltar com os livros, o caderno e as lembrancinhas.

A professora ao seguir uma linha montessoriana era muito organizada e a caixa de leitura era um momento muito importante. Assim que a aula começava, todos estavam quietos sentados na rodinha quando era feita a abertura da caixa. A professora fazia a leitura do diário (caderno) e só depois o aluno que havia trazido à caixa distribuía as lembrancinhas para cada um dos colegas. Observei que alunos não atrapalhavam a continuidade das atividades mesmo com a euforia das lembrancinhas.

Quando a professora lia o diário ficava evidenciado se a família havia trabalhado um pouco mais o texto e atividade relacionada à história ou não. E ainda

aquelas que não tinha tido a participação da família no processo de letramento, quais as mais ativas que faziam a atividade completa com os filhos.

É importante lembrar que os colegas que não levavam a caixa para casa não ficavam sem leitura, pois levavam um livro que era devolvido na segunda-feira com uma atividade relacionada à leitura, quase sempre atividades com colagem com papéis coloridos e colas coloridas para criar um desenho a respeito do livro enviado.

Assim sendo, todos os fins de semana, os alunos tinham uma atividade ligada ao livro e à literatura para ser realizada com os pais. Observei que as atividades enviadas para a casa sempre vinham realizadas. A maioria dos alunos que não realizava as atividades corretamente eram sempre os mesmos, o que facilitava a identificação das famílias que participavam mais ou não. E o mais importante é que os alunos que tinham maior acompanhamento em casa também apresentavam maior e melhor desenvolvimento nas atividades em sala de aula.

Isso pode ser confirmado pela visão de Zilberman (2005) que acredita que ao ser trabalhado a literatura e a leitura todos os dias nas salas de aula pode-se desenvolver o interesse dos alunos pelos livros e sua “magia” de ser uma descoberta constante e encantadora. Zilberman (2005) define muito bem o livro, dizendo que “o livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens e mulheres, brasileiros ou estrangeiros” (p.9), e mais, traz em sua crença de que a literatura para criança “não é diferente: os livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar” (ZILBERMAN, 2005, p.9).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de pesquisa, *Contando histórias e encantando crianças: Uma experiência vivenciada no estágio supervisionado do curso de Pedagogia* foi um momento não só de preparação de um Trabalho de Conclusão de Curso, mas também de descobertas. Descobri alguns autores e concepções de leitura, literatura e Pedagogia Montessoriana que puderam ampliar meu conhecimento para responder as questões levantadas na introdução deste estudo.

Foi analisando os dados reunidos na metodologia de pesquisa que pude chegar à conclusão de que as práticas literárias favorecem o crescimento e o desenvolvimento dos alunos em vários aspectos como: intelectual, espacial, emocional e físico para uma construção e uma organização do pensamento inteligente.

Na escola observada, pude perceber que a literatura infantil tem um espaço obrigatório e na turma observada foi possível perceber que esse espaço e essa visão da literatura como arte desperta o interesse dos alunos em relação ao livro e à literatura. Foi possível notar, também, que faz diferença o contato com a literatura infantil para a criança resolver outras atividades de aprendizagem.

Com este estudo, pude reviver momentos da prática, ligando teoria e prática, bem como revisitar de forma mais crítica, de quem já foi auxiliar e observadora da prática, a reflexão sobre como a literatura e a leitura podem influenciar na escrita, na aprendizagem, na criatividade e na imaginação dos alunos da turma do 1º ano do ensino fundamental.

Acredito também que um dos resultados mais significativos que pude identificar ao fazer este estudo foi a importância de continuar os conhecimentos dos professores, continuar estudando e assim conhecer vários e novos métodos e literaturas para que, esses professores possam enxergar os livros, realmente, e refletir diretamente como o aluno também o vai visualizar. E que para formar um leitor é interessante que o professor também o seja leitor. O professor que vê o livro



não só como mais um material didático, mas como uma arte, uma forma de lazer e de ter um agradável momento de diversão.

## PERSPECTIVAS FUTURAS

Sempre desejei trabalhar com crianças e quando finalmente decidi fazer Pedagogia, por alguns motivos acabei optando pela Licenciatura em Inglês. Ao trabalhar na área percebi que era o que eu queria, mas não da forma que eu estava fazendo, queria lidar com as crianças, mas o sonho era ajudá-las a reconhecer as letras, aprender a ler e escrever seus próprios nomes.

O curso de Pedagogia me proporcionou vivências jamais imaginadas no campo do conhecimento da alteridade e foi nele que senti que estava finalmente no lugar certo. No curso de inglês sentia que não havia troca com os alunos e nem tempo para que essa troca existisse. Foi estagiando durante o curso de Pedagogia que me senti completa, que vi que eu posso contribuir para a aprendizagem dos alunos pequenos e aprender também ao ensinar.

Foi em uma instituição particular de ensino que eu vi o quanto ela não oferece estabilidade financeira e empregabilidade, gostaria muito de ser funcionária pública da rede de ensino do Distrito Federal. Eu não gostaria de sair de Brasília e acredito que aqui temos muito a fazer. Revisitar as estratégias pedagógicas vividas em uma escola particular, onde trabalhei, e adaptar às escolas públicas, fazendo o que foi positivo, produtivo e prazeroso no ensino e no contato com a literatura infantil e com os alunos.

Apesar de tudo isso, ainda cabe dentro de mim um sonho muito simples e grandioso de um dia ir morar em um vilarejo praiano e lá trabalhar com a alfabetização e letramento com crianças, filhos (as) de pescadores que tenham dificuldade de frequentar escolas por vários motivos. Levar a educação mais longe. Chegar até aqueles que por motivos de distância, condições financeiras, econômicas ou políticas não têm acesso à educação. Se um dia isso for possível, lá eu estarei.

## REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006;

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000;

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Ler = muito prazer**. Brasília: Conhecimento Editora, 2008;

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 1986;

SILVA, Agostinho da. **O Método Montessori**. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1955;

ZILBERMAN, Regina. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005;

**Lar Montessori, Montessori segue os caminhos da Natureza**. Disponível em: <<http://larмонтessori.com>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2013.

**WINTER, Vera Lucia. Projeto Ler é Saber, Universidade FACCAT, Rio Grande do Sul, 2009.**

## **ANEXOS**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Componente Curricular:** Projeto 4

**Orientadora:** Norma Lúcia

**Estudante:** Mayara Leal (07/50514)

### **Plano de Aula**

**Objetivos da aula:** Montar um livro com a ajuda do texto “12 coisinhas à toa que nos fazem felizes”, fazendo desenhos sobre as coisas que os deixam felizes. Fazer leitura de imagem com apresentação de um trecho do musical “Na Casa da Ruth”.

**Público Alvo:** Alunos do 1º ano “A”.

### **Método:**

#### **1º momento**

Começar a aula com a leitura da poesia para as crianças, seguida da apresentação do vídeo que tem duração de 3 minutos e 24 segundos.

#### **2º momento**

Conversar com as crianças sobre o que elas mais gostam de fazer e o que as deixam mais felizes. Pedir para que elas desenhem isso no papel.

#### **Avaliação:**

Espera-se com isso que as crianças, aos poucos, aumentem sua capacidade de escrita, trabalhando a função motora fina ao desenhar e ajudar na interpretação de texto usando a leitura de imagem.

#### **Materiais necessários:**

Vídeo  
Meia folha de papel A4  
Papel colorido  
Lápis de cor  
Canetinha



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Componente Curricular:** Projeto 4

**Orientadora:** Norma Lúcia

**Estudante:** Mayara Leal (07/50514)

### **Plano de Aula**

**Objetivos da aula:** Montar um livrão com a ajuda de alguns textos divididos em mais 4 aulas e 4 textos diferentes. Com a ajuda do texto “Maria vai com as outras” mostrar as crianças que não devemos seguir os outros e colorir desenhos das marias por mim já selecionadas.

**Público Alvo:** Alunos do 1º ano “A”.

### **Método:**

#### **1º momento**

Começar a aula contando a história “Maria vai com as outras” com a ajuda de uma caixa de sapato formando o cenário da história e desenhos feitos de cartolina.

#### **2º momento**

Conversar com as crianças sobre a moral da história e o que elas acharam. Pedir para que elas coloram desenhos das marias já selecionadas.

### **Avaliação:**

Espera-se com isso que as crianças, aumentem sua capacidade de escrita, trabalhando a função motora fina ao colorir e ajudar na interpretação de texto usando uma forma de representação com estilo marionetes de desenho.

### **Materiais necessários:**

Meia folha de papel A4	Palito de picolé
Lápis de cor	Caixa de sapato
Canetinha	Papel fantasia
Cartolina	Papel celofane



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Componente Curricular:** Projeto 4

**Orientadora:** Norma Lúcia

**Estudante:** Mayara Leal (07/50514)

### **Plano de Aula**

**Objetivos da aula:** Montar um livrão com a ajuda de alguns textos divididos em mais 4 aulas e 4 textos diferentes. Com a ajuda do desenho animado da Walt Disney “A cigarra e a Formiga” mostrar às crianças a importância do trabalho e colorir formigas de um desenho selecionados por mim.

**Público Alvo:** Alunos do 1º ano “A”.

### **Método:**

#### **1º momento**

Começar a aula com a apresentação do desenho animado da Walt Disney “A cigarra e a Formiga” que tem duração de 8 minutos e 12 segundos.

#### **2º momento**

Conversar com as crianças sobre a moral da história e o que elas acharam. Pedir para que elas colorissem os desenhos das formiguinhas já selecionados.

### **Avaliação:**

Espera-se com isso que as crianças, aumentem sua capacidade de escrita, trabalhando a função motora fina ao colorir e ajudar na interpretação de texto usando a leitura de imagem.

### **Materiais necessários:**

Vídeo

Meia folha de papel A4

Giz de cera



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Componente Curricular:** Projeto 4

**Orientadora:** Norma Lúcia

**Estudante:** Mayara Leal (07/50514)

### **Plano de Aula**

**Objetivos da aula:** Montar um livrão com a ajuda de alguns textos divididos em mais 4 aulas e 4 textos diferentes. Com a ajuda do Livro de Eric Carle (tradução de Ana Maria Machado), “A Joanelha Rabugenta” mostrar às crianças a importância de dizer obrigada e fazer desenhos sobre a parte que mais gostaram da história.

**Público Alvo:** Alunos do 1º ano “A”.

### **Método:**

#### **1º momento**

Começar a aula com a leitura do livro “A Joanelha Rabugenta”.

#### **2º momento**

Conversar com as crianças sobre a moral da história e o que elas acharam. Pedir para que elas desenhem a parte que mais gostaram no pedaço de papel.

#### **Avaliação:**

Espera-se com isso que as crianças, aumentem sua capacidade de escrita, trabalhando a função motora fina ao desenhar e ajudar na interpretação de texto usando o contar de histórias.

#### **Materiais necessários:**

Meia folha de papel A4

Giz de cera





**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Componente Curricular:** Projeto 4

**Orientadora:** Norma Lúcia

**Estudante:** Mayara Leal (07/50514)

### **Plano de Aula**

**Objetivos da aula:** Montar um livrão com a ajuda de alguns textos divididos em mais 4 aulas e 4 textos diferentes. Com a ajuda do Livro de Eric Carle (tradução de Ana Maria Machado), “Você Troca” mostrar às crianças a importância de dizer obrigada e fazer desenhos sobre a parte que mais gostaram da história.

**Público Alvo:** Alunos do 1º ano “A”.

### **Método:**

#### **1º momento**

Começar a aula com a leitura do livro “Você Troca”.

#### **2º momento**

Conversar com as crianças sobre a moral da história e o que elas acharam. Pedir para que elas desenhem a parte que mais gostaram no pedaço de papel.

### **Avaliação:**

Espera-se com isso que as crianças, aumentem sua capacidade de escrita, trabalhando a função motora fina ao desenhar e ajudar na interpretação de texto usando o contar de histórias.

### **Materiais necessários:**

Meia folha de papel A4

Lápis de cor

Canetinha



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Componente Curricular:** Projeto 4

**Orientadora:** Norma Lúcia

**Estudante:** Mayara Leal (07/50514)

### **Plano de Aula**

**Objetivo das aulas:** Criar uma interação maior da turma com um Amigo Oculto de desenhos e despedida da estagiária.

**Público Alvo:** Alunos do 1º ano “A”.

### **Método:**

#### **1º momento**

Explicar para as crianças como funciona um amigo oculto, onde não se pode revelar quem a criança tirou até a 2ª aula onde haverá a troca dos envelopes com os desenhos.

#### **2º momento**

Sorteio de quem vai fazer o desenho para quem.

#### **3º momento**

Na segunda aula brinca de adivinhar quem é o amigo oculto de cada um dando algumas características da criança sorteada pela criança que fez o desenho.

### **Avaliação:**

Espera-se com isso que as crianças tenham uma despedida agradável da estagiária e fiquem mais unidas de uma forma descontraída.

### **Materiais necessários:**

Envelopes coloridos

Giz de cera

Lápis de cor

Adesivos

Textos usados no projeto, aqui apenas não será encontrado o texto da “Joaninha Rabugenta”, pois o livro tem detalhes que complementam o texto é por isso que este texto não estará presente e por não ter sido encontrado nenhuma sinopse.

**Doze coisinhas à toa que nos fazem felizes**  
**(do livro Toda criança do mundo mora no meu coração)**

Andar de skate num lugar lisinho  
Tomar sorvete do de palitinho  
Passar a mão, de leve, no gatinho

Andar na chuva que é pra se molhar  
Passar cola na mão e descascar  
Acabar a lição pra ir brincar

Jogar estalo pra estalar no chão  
A cor azul das penas do pavão  
Ver na TV seu clube campeão

Ver gelatina tremendo no prato  
Nadar depressa usando pé de pato  
Mostrar a língua pra tirar retrato.

**Ruth Rocha**

**Maria vai com as outras**

Era uma vez uma ovelha chamada Maria.  
Onde as outras ovelhas iam, Maria ia também. As ovelhas iam para baixo Maria ia também. As ovelhas iam para cima, Maria ia também.  
Um dia, todas as ovelhas foram para o Pólo Sul. Maria foi também. E atchim! Maria ia sempre com as outras. Depois todas as ovelhas foram para o deserto. Maria foi também.  
- Ai que lugar quente!  
As ovelhas tiveram insolação. Maria teve insolação também.

Uf! Uf! Puf!

Maria ia sempre com as outras.

Um dia, todas as ovelhas resolveram comer salada de jiló. Maria detestava jiló.

Mas, como todas as ovelhas comiam jiló, Maria comia também.

Que horror!

Foi quando de repente, Maria pensou:

“Se eu não gosto de jiló, por que é que eu tenho que comer salada de jiló?”

Maria pensou, suspirou, mas continuou fazendo o que as outras faziam.

Até que as ovelhas resolveram pular do alto do Corcovado pra dentro da lagoa.

Todas as ovelhas pularam. Pulava uma ovelha, não caía na lagoa, caía na pedra, quebrava o pé e chorava: mé! Pulava outra ovelha, não caía na lagoa, caía na pedra e chorava: mé!

E assim quarenta duas ovelhas pularam, quebraram o pé, chorando mé, mé, mé!

Chegou a vez de Maria pular.

Ela deu uma requebrada, entrou num restaurante comeu, uma feijoada. Agora, mé, Maria vai para onde caminha seu pé.

**Sylvia Orthof**

### **A Cigarra e a Formiga**

Era uma vez uma cigarra que vivia saltitando e cantando pelo bosque, sem se preocupar com o futuro. Esbarrando numa formiguinha, que carregava uma folha pesada, perguntou:

- Ei, formiguinha, para que todo esse trabalho? O verão é para gente aproveitar! O verão é para gente se divertir!

- Não, não, não! Nós, formigas, não temos tempo para diversão. É preciso trabalhar agora para guardar comida para o inverno.

Durante o verão, a cigarra continuou se divertindo e passeando por todo o bosque.

Quando tinha fome, era só pegar uma folha e comer.

Um belo dia, ela passou de novo perto da formiguinha carregando outra pesada folha.

A cigarra então aconselhou:

- Deixa esse trabalho para as outras! Vamos nos divertir. Vamos, formiguinha, vamos cantar! Vamos dançar!

A formiguinha gostou da sugestão. Ela resolveu ver a vida que a cigarra levava e ficou encantada. Resolveu viver também como sua amiga.

Mas, no dia seguinte, apareceu a rainha do formigueiro e, ao vê-la se divertindo, olhou feio para ela e ordenou que voltasse ao trabalho. Tinha terminado a vidinha boa.

A rainha das formigas falou então para a cigarra:

- Se não mudar de vida, no inverno você há de se arrepender, cigarra! Vai passar fome e frio.

A cigarra nem ligou, fez uma reverência para rainha e comentou:

- Hum!! O inverno ainda está longe, querida!

Para cigarra, o que importava era aproveitar a vida, e aproveitar o hoje, sem pensar no amanhã. Para que construir um abrigo? Para que armazenar alimento? Pura perda de tempo.

Certo dia o inverno chegou, e a cigarra começou a tiritar de frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater na casa da formiga.

Abrindo a porta, a formiga viu na sua frente a cigarra quase morta de frio. Puxou-a para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e deliciosa.

Naquela hora, apareceu a rainha das formigas que disse à cigarra:

- No mundo das formigas, todos trabalham e se você quiser ficar conosco, cumpra o seu dever: toque e cante para nós.

Para a cigarra e para as formigas, aquele foi o inverno mais feliz das suas vidas.

## **Você Troca?**

Você troca um gato contente

Por um pato com dente?

Você troca um canguru de pijama

Por um urubu na cama?

Você troca um coelho de chinelo

Por um joelho de cogumelo?

Você troca um leão sem dente

Por um dragão obediente?

Você troca um ratinho de camisola

Por um passarinho na gaiola?

Você troca uma taturana molhada  
Por uma banana descascada?  
Você troca um espião com preguiça  
Por um ladrão de salsicha?  
Você troca um tutu de feijão  
Por um tatu de calção?  
Você troca um rato assustado  
Por um gato amarrado?

Você troca um lobinho delicado  
Por um Chapéuzinho malvado?  
Você troca um pinguim fantasiado  
Por um patim alucinado?  
Você troca um mamão bichado  
Por um bichão mimado?  
Você troca um gato de bota  
Por um sapo boboca?  
Você troca um varal de feiticeira  
Por um final de brincadeira?  
Eva Furnari

Segue aqui sete dias de aulas observadas, todos os nomes que aparecerem são nomes fictícios para preservar a identidade dos alunos e da professora.

### **1ª Aula**

Às sete e meia, do dia 02 de maio de 2011, toda escola se reuniu no pátio para a Hora Cívica, algumas orações e uma música em homenagem ao Dia do Trabalhador. A professora Júlia ficou doente e quem assumiu a turma foi à professora de artes Anita e a assistente Patrícia.

A professora explicou que a professora Júlia não viria e começou a cantar músicas, depois resolveram fazer uma rodinha no fundo da sala para além de cantarem poderem dançar.

Depois de três músicas todos voltaram aos seus lugares, são 12 crianças (7 meninas e 5 meninos). A professora colocou uma laranja no quadro desenhada e depois mais duas que Amanda teria dado. Todos acertaram que a soma era três e os sinais eram de mais (+) e igual (=). Patrícia deu a cada criança meia folha e a professora pediu para que cada um colocasse seus lápis de cor sobre a mesa e criou uma situação problema.

Anita começou a contar uma historinha sobre as unidades e o surgimento das dezenas. Depois deu mais uma situação problema usando os nomes dos alunos da sala. Todos acertaram a resposta, mas Sandra teve dificuldades ao separar os lápis. Todos cataram a música: “Mariana conta...”.

Mais algumas situações depois, todos falam as respostas juntos e em voz alta, Murilo vai ao banheiro pegando o crachá. As crianças ensinam a professora a fazer o cabeçalho como à tia Júlia fazia. Então, Tia Anita preferiu pedir as crianças para pegarem seus cadernos por serem pautados e passou mais algumas situações problemas.

Às nove meia da manhã teve o recreio e as crianças fizeram um piquenique no pátio e depois foram brincar. Após o recreio, houve a aula de inglês, e nesta as crianças ensaiaram o refrão de uma música para cantarem no dia das mães e coloriram um cartão para as mesmas.

Ao voltarem para sala Patrícia pediu várias vezes e ao conseguir o silêncio da turma contou duas pequenas histórias de dois livrinhos: “A princesa e a ervilha” e “A larvinha triste”. Depois da aula de inglês não houve professora regente e Patrícia deixou que as crianças brincassem no fundo da sala em pouco tempo eu já estava sentada com eles “brincando”.

## **2ª aula**

No dia 04/05/11, em um primeiro momento houve uma oração no pátio da escola com todos os alunos da escola.

A professora Júlia comentou sobre a minha visita e pediu que me apresentasse. Fui à frente da sala dei bom dia, disse meu nome e onde estudava. Todos lembravam que eu já tinha vindo, mas não lembravam meu nome.

A tia Júlia perguntou se todos tinham feito o dever de casa, todos tinham feito e ela perguntou como se desenhava no ar os números 4, 1 e 5, pois eles

aprenderam os números 15 e 14, cada um colocou seu livro de matemática sobre a mesa da tia Júlia. Ela me avisou que não era uma professora tradicional.

Ela levou todos os alunos para o fundo da sala para explicar a nova matéria de português. Estendeu um pedaço de lona no meio da rodinha e todos faziam silêncio absoluto, reparei que ela conversa com eles de igual para igual. Tia Júlia começou a trabalhar a fonética do R, V, G, M, B e P, com a ajuda das palavras “gambá”, “rampa” e “vampiro”. Ela parou para me explicar sobre o método que ela usa, todos ficaram quietos enquanto ela explicava. O método utilizado pela professora é o Montessoriano, ela veio para a escola tradicional em 2009, anteriormente ela trabalhava na escola montessoriana, onde se acostumou a confeccionar seu próprio material. Utilizando-se do alfabeto móvel ela montou a palavra “demte” e avisou que era uma pegadinha e todos leram com som de “m” e viram que algo estava errado por conta da pronuncia, Júlia fez com que eles pensassem, até que Amanda falou que era com “n” e não com “m”.

Depois Júlia colocou a palavra “tamga” e foi a Maria que acertou que “M só vem antes de P e B”. Todos bateram palmas tanto para Amanda quanto para Maria. Eles acertaram que “tenpo” estava escrito errado e “timta” também. Ela chama essa aula de “Aula Nova”. Ela já tinha apresentado isso para eles, só que por conta da festa das mães, foi de forma rápida. E então ela apresentou o D d e sua fonética, pediu para Magda buscar 4 realias (Alfabeto Concreto = Realias = objetos que imitam a realidade em um Alfabeto Concreto) que foram: dinossauro, dinheiro, dado e assim começaram a dar vários exemplos como: “Diego, din-din, depilação, dormir, Dora, etc.”.

Todos voltaram a suas carteiras para esperar a professora de religião, Tia Deza, vir buscá-los para levá-los para a sala de religião. Enquanto isso, eu tive uma reunião com a Tia Júlia sobre meu calendário e sobre o que falta às crianças. Ficou combinado que eu poderia ir quantas vezes eu quisesse e o que mais fazia falta para eles seriam pais. Ao final da aula de religião todos lavaram as mãos, foram para a sala para lanche, oraram e cantaram a música: “Meu lanchinho...”. Após o lanche houve o recreio e depois disso todos voltaram para a “Aula Nova”. Tia Júlia pediu que todos fizessem “dedinhos de pinça” e para “escrever” sobre as fichas dos “D” e “d” para aprenderem o movimento da escrita fazendo da mesma forma que ela fez. Ao escreverem as crianças pronunciavam o fonema da letra D.



Tia Júlia passou no quadro frases com “D” e “d” para que as crianças registrassem em seus cadernos de português.

### **3ª aula**

No dia 05/05/11, em um primeiro momento houve uma oração no pátio da escola, as crianças quando chegaram à sala, entregaram suas agendas, os deveres de casa, Tia Júlia pegou o som, pediu que eu colocasse pra tocar, pediu ajuda a Tia Paty (Patrícia) para distribuir os cartões que as crianças iam escrever recados para suas mães.

Tia Júlia pediu que eu fizesse linhas nos cartões dos alunos da tarde e a Tia Paty fazer linhas para Sandra, Carlos e Lúcia. Depois Tia Júlia pediu para as crianças pegarem o caderno de português e copiarem os exercícios do quadro que eram frases com palavras escritas com “d” como: “A vaca comeu o doce. Papai cortou o dedo”. Giulia reparou que na data do cabeçalho estava faltando o “de”, o que significa que ela estava lendo pelo menos parte do escrevia. Sandra e Lúcia foram as últimas à terminarem a atividade do cartão do dia das mães depois de muito Tia Júlia chamar a atenção das duas que se desconcentravam muito.

Os alunos em sua maioria nesse dia já sabiam meu nome e o Carlos e Ruan me pediram ajuda mais de uma vez, pois Tia Júlia não estava na sala no momento, com isso acreditei que eles já me vinham como uma segunda professora, pois a Tia Paty também estava na sala.

Depois que a Tia Júlia corrigiu os exercícios, todos foram lavar as mãos menos o Carlos que não havia terminado, quando chegou a hora do recreio Tia Júlia me pediu que ficasse na sala com Carlos até que ele terminasse a atividade do caderno e lanchasse, ficamos só os dois e quando ele terminou tudo o recreio também acabou. Todos se encontraram no pátio interno do colégio para ensaiar a música do dia das mães e enquanto isso eu ajudei a professora de inglês da tarde a picotar alguns papeis para o dia da apresentação na sala de professores.

Ao voltarem para sala todos leram as frases com a ajuda da Tia Júlia e depois pegaram o livro de geografia, fizeram uma atividade e marcaram o dever de casa. Todos guardaram todo seu material e quando sentaram Tia Júlia disse que ninguém ia brincar, pois ela tinha que conversar com todos. Ela disse que dá aulas com todo amor e carinho, porém que não era babá de nenhum deles, nem a Tia

Paty, pois eles não estavam guardando os brinquedos da sala direito, que tinha criança descendo as escadas correndo, que iam embora sem se despedir e que poderiam estar todos brincando naquele momento, mas não estavam por todos aqueles motivos. Ela pediu que todos ficassem sentados, lessem o cartaz que ela havia colado que falava sobre a regra do “m” antes de “p” e “b” e algumas palavras que usam essa regra ortográfica.

#### **4ª aula**

No dia 09/05/11, em um primeiro momento houve à hora cívica e uma oração no pátio da escola, depois as crianças ao chegarem à sala e após entregar suas agendas à Tia Paty, sentaram na rodinha com os livros do projeto de leitura. Tia Júlia perguntou a cada um como tinha sido o dia das mães em suas casas até mesmo para mim e para a Tia Paty.

Depois ela pediu para o Carlos, Amanda e a Sandra contar sobre o que eram seus respectivos livros (que foram levados para casa na sexta-feira como sempre pelo Projeto de Leitura) e qual as partes que cada um deles mais gostou. Tia Júlia perguntou sobre as partes do corpo que eram pares e ímpares. O número de alunos dava 6 duplas (pares), pois são 12 crianças, e o número de professoras eram ímpares, pois éramos 3. Depois, ela esticou uma lona preta no chão, colocou número por número e em frente dos números a quantidade que representava o número. Nos números ímpares ao tentar passar o dedo entre as tampas o dedo era barrado, já nas pares que formavam número exato de duplas o dedo passava direto e podia seguir até o fim da lona. Ao fazer esse exercício em todos os números de 1 ao 10 as crianças iam identificando quais era os pares e quais eram os ímpares em voz alta, assim que o dedo da tia Júlia passava ou não. Após isso, Tia Júlia pediu que todos fossem buscar o material dourado e que voltasse para a rodinha. Ela ensinou o número 16 e 17, que todo número terminado em 0 é par, 10, 20, 30, 40, 50, etc. E que 0 é ausência de elemento.

Tia Júlia me explicou que na escola Montessoriana existem os tentos que são de madeira e de cores diferentes, como ela não os tem usa emborrachado e tampinhas para substituir e usar a mesma metodologia.

Todos guardaram o material dourado e ao começarem a escrever Tia Júlia avisou que não desenharia mais linhas no quadro, pois ele era quadriculado. O

primeiro exercício era fazer o 16 e o 17 várias vezes e o segundo circular os números pares de 0 a 10, e Danilo foi o 1º a terminar as atividades.

Tia Júlia me pediu para levar todos ao banheiro, lavamos as mãos, oramos e cantamos: “Meu lanchinho...”, levei a Sandra, Diogo e a Giulia para comprar o lanche. Após o recreio as crianças foram para a aula de inglês, enquanto isso, eu recortei umas coisas que a Tia Júlia me pediu. Quando as crianças voltaram retomaram as atividades no caderno de matemática, após isso, as crianças pegaram seus cadernos de português, fizeram o cabeçalho e receberam uma folha escrita: Ditado. As palavras ditadas foram: “bola”, “cama”, “pai”, “lua”, “via” e “rua”. Durante o ditado Diogo não havia terminado as atividades no caderno de matemática, por isso quase perdeu todas as palavras do ditado. Depois que todos foram embora, ele ficou na sala até terminar, ele começou a chorar quando viu a sua irmã descendo as escadas para ir embora, porém parou de chorar quando a irmã parou na porta e terminou a atividade incentivado por mim, sua irmã e a Tia Júlia.

## **5ª aula**

No dia 11/05/11, após a oração de todos os dias todos subiram e Tia Júlia já começou corrigindo os deveres de casa, pois seriam exercícios similares aos dos testes por isso ela já estava fazendo uma revisão tanto no dever de casa quanto em sala.

Tia Júlia me mostrou o caderno com os relatos sobre os alunos, um a um que foi apresentado aos pais na reunião do dia 10 de maio às 18hs. Pediu que as crianças fizessem mais um cabeçalho no caderno de português para fazerem mais um ditado. O enunciado era: palavras com “m” antes de “p” e “b”. A aula é regida ao som de músicas como, por exemplo: “Beatles for babies”, quase todos os dias, sempre músicas instrumentais. As palavras do ditado foram: “compra”, “tampa”, “vampiro” e “tempestade” de um lado da linha que a Tia Júlia havia me pedido para fazer no caderno de todas as crianças da sala e do outro lado da linha foram: “bombeiro”, “bombom”, “também” e “bomba”.

Ao terminarem Tia Júlia pediu que os meninos colocassem seus cadernos na mesinha da Tia Paty para que ela colasse o dever de casa. Levei a Sandra para sala de religião, pois todos já haviam ido com a Tia Deza, menos Sandra que não

havia terminado o cabeçalho. A pedidos da tia Júlia, levei para o Tio Denis o resumo do que seria dado no dia para ser colocado na internet e quando voltei Tia Júlia me pediu para ajudar a Tia Paty a fazer bandeirinhas para a festa junina.

Após o lanche e recreio tia Júlia pediu para todos pegarem os cadernos de matemática, fazerem os cabeçalhos e copiarem os exercícios que era sobre números pares e ímpares.

Depois de fazerem um desenho abaixo dos exercícios, Tia Júlia corrigiu, falou para colocarem os cadernos na estante, juntassem os materiais e todos desceram para o pátio para esperar seus pais e/ou responsáveis.

### **6ª aula**

No dia 12/05/11, depois do momento da oração no pátio, todos subimos e logo, Tia Júlia corrigiu o dever que era pra ser feito com os pais de recortar e fazer uma colagem com palavras escritas com “m” antes de “p” e “b”.

Em seguida, tivemos a abertura da caixa de leitura que havia sido levada na última sexta por Renata, Tia Júlia pegou o caderno, leu, mostrou o desenho feito por Renata para toda a turma, Renata distribuiu lembrancinhas para todos os colegas, algo que lembrava a história lida pela criança, a qual ela mais gostou, e que todos têm de trazer ao levarem a caixa de leitura.

Todos guardaram suas lembrancinhas (que eram quadros mágicos) em suas mochilas pra a aula continuar. Guardaram os cadernos debaixo da mesa e esperaram a Tia Júlia distribuir o papel do ditado. As palavras eram: “vela”, “tatu”, “dia”, “mola” e “rei”. Ao terminar de corrigir o ditado tinha Júlia pediu que todos colorissem, fizessem desenhos, colassem o ditado no caderno e se arrumassem em fila pra irem lavar as mãos. Enquanto isso eu ajudava a Tia Paty a colar as bandeirinhas que havíamos cortado no dia anterior.

Depois de lanche, tia Júlia pediu que as crianças pegassem seus cadernos de História/Geografia/Ciências, fazer o cabeçalho e colocar duas filipetas uma sobre o dia do Trabalhador e outra sobre o Dia das Mães na parte de história.

Tia Júlia me pediu para fazer margens nos cadernos de “Escrita Espontânea” dos alunos da tarde. O caderno de “Escrita Espontânea” é um caderno onde a criança escreve duas palavras com a letra que representa um fonema escolhido pela professora, com a letra maiúscula e minúscula, ela pode

escrever da forma que quiser, escreve da forma que acha que está escrito certa, da maneira dela e não há errado neste caderno.

### **7ª aula**

No dia 13/05/11, após a oração de todos os dias todos subiram, porém Carlos, Sandra, Giulia, Amanda e Lúcia chegaram atrasados. Depois foram todos para a rodinha e tia Júnia começou a apresentar a Aula Nova, com a ajuda do QVL e do material dourado, que eram os números 18 e 19. Foram aos cadernos e desenharam em casinhas de QVL os números que haviam acabado de aprender. Havia a sequencia numérica para completar e o terceiro exercício, era completar o sucessor e o antecessor de alguns números nas casinhas menores.

Desci com o Diogo, Giulia, Sandra, Amanda e Maria para comprarem seus lanches e após o recreio, houve a aula de artes onde a Tia Fernanda pediu que fizessem um desenho com cola colorida o que foi um pouco bagunçado, porém muito feliz.

Em seguida foi à aula de educação física só com o Tio Salomão, pois o Tio Paulo estava doente.